

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

**Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do
século XXI**

LETÍCIA SIABRA DA SILVA

LETÍCIA SIABRA DA SILVA

Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História, sob a orientação da Prof^a. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Uberlândia, Julho de 2010.

Letícia Siabra da Silva (1988)

Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI

75 fls.

Orientadora: Marta Emísia Jacinto Barbosa

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras – Chave: História – Redes de Comunicação – Cultura e Cidade.

LETÍCIA SIABRA DA SILVA

Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Marta Emísia Jacinto Barbosa

Prof^ª. Dr^ª. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof^ª. Dr^ª. Sheille Soares de Freitas

Agradecimentos

Aos tios Luiz e Eurípedes, agradeço por me ensinar valores de seriedade e responsabilidade. Também agradeço a minha avó Josina, a pessoa mais inteligente que conheço; sempre confiou em mim e apoiou minhas atitudes, mesmo quando todos discordavam.

Minha mãe Tereza, que aprendeu a conviver com os meus “dramas existenciais”, e também pelo empenho na constituição do acervo de gravações para esta pesquisa.

Agradeço ao Marco Antônio pela ajuda com os equipamentos de informática e audiovisual. Às primas Daniella e Isabella: exemplos de força e perseverança em seus caminhos. Admiro vocês imensamente.

Agradeço à professora Marta Emísia por acreditar em mim e aceitar me orientar nesta pesquisa, pelas leituras e ensinamentos, pelo exemplo de segurança em assumir as responsabilidades nas escolhas, e me ajudar a construir um caminho firme. Agradeço pela amizade e confiança.

À professora Regina Ilka, eu não tenho palavras para agradecer o quanto as discussões nas aulas, assim como, o incentivo para assumir a docência a partir das aulas de Estágio Supervisionado e orientação na monitoria, me fizeram enxergar os significados na docência em história. Agradeço pela disposição; por me auxiliar em muitas inquietações com as quais me direcionava a você durante as aulas de História e Imagem. Saiba que elas me propiciaram amadurecer as questões para esta pesquisa.

Aos professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, aos professores do Nupehcit - Núcleo de Pesquisas e Estudos - História, Cidade e Trabalho pelas discussões nas aulas; em especial à professora Heloisa Helena Pacheco que ouviu com paciência minhas propostas com o projeto de pesquisa na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História. Agradeço à professora Sheille Soares por aceitar participar da banca examinadora.

Aos meus queridos amigos de longa data: Ladiane, Tainy e Weiber, peço desculpas pela ausência durante estes quatro anos e meio. Aos amigos que fiz durante este tempo: Cássio, Leonardo, Jenifer, Mário e Márcio Henrique. Gosto muito de vocês. Às meninas Ariane e Flaiane, agradeço pelos momentos felizes, tristes e enriquecedores, muitas risadas... as viagens: são momentos que nunca me esquecerei: passamos por várias coisas juntas.

Agradeço ao João Gabriel pelas discussões iniciais no terceiro período do curso de história quando eu ainda nem tinha tema, apenas o desejo em trabalhar com meios de comunicação. À Larissa, pelo auxílio com alguns contatos, e parceria na organização da Semana de História em 2008.

Agradeço ao João Batista que “segurou muitas barras” na coordenação do curso. Ao Gaspar pelas conversas e conselhos. À Luciana sou grata quanto à prontidão em auxiliar na secretaria do Instituto de História: Muito obrigada.

À Priscilla Silva, do setor de Marketing da Rede Vitoriosa pelo material de amostragem referente à audiência e programação.

Aos profissionais do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia- CDHIS pela aceitação. À Dulcina pelo estágio, e discussões a respeito dos processos criminais. Também agradeço ao Velso e Marta pela amizade e confiança acima de tudo. A Máucia também é uma daquelas pessoas que não consigo somente descrever o quanto você foi (é) uma das pessoas que mais conviveu com as minhas “variações de humor” e soube com doçura e amizade me ajudar no crescimento profissional e pessoal; sem contar o auxílio com os materiais e as conversas e ensinamentos com as particularidades das questões.

Aos profissionais da Escola Estadual João Rezende: referências que levo por toda vida. Especialmente os professores Ney e Rosa Amaral que me ensinaram que o que faz o aluno não é o turno onde ele estuda, mas sua dedicação e compromisso. Agradeço ao corpo docente da Escola Estadual Hercília Martins Rezende onde iniciei a experiência enquanto professora no Ensino Fundamental: às professoras Dora e Maria Helena pela parceria; à diretora Fátima pela postura firme e amiga ao mesmo tempo. Agradeço aos meus alunos e alunas que me ensinam a cada dia que sempre podemos aprender mais. Saibam que eu acredito em vocês.

Por fim, agradeço ao meu Padrinho e Pai Édio, à minha Madrinha e Mãe Cidinha: sem vocês eu não estaria aqui. Ao padrinho as nossas discussões sobre os movimentos na cidade e sua visão de professor de geografia foram essenciais para este trabalho.

Agradeço a tudo o que vocês representam; mais do que eu consigo explicar, e à todas as forças que estão comigo nesta caminhada.

Muito obrigada!

*Aí vêm pelos caminhos,
Descalços, de pés no chão,
Os pobres que andam sozinhos,
Implorando compaixão...
Protegi os desgraçados,
Órfãos de toda a afeição:
E sereis abençoados
Por um pedaço de pão.*

(Os Pobres: poema- Olavo Bilac)

*Quem sabe a labuta quitar
Sabe o trabalho que dá
Batalhar o pão e trazer
Para a casa o sobreviver...*

(Aganju: música-Composição: Carlinhos Brown)

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

<i>Espaços construídos e disputados em Uberlândia.....</i>	<i>11</i>
--	-----------

CAPÍTULO I

Desenhando a cidade

<i>1.1-Debates contemporâneos nos meios de comunicação.....</i>	<i>15</i>
<i>1.2-O Projeto Linha Dura No Seu Bairro na configuração do Programa Linha Dura e a Rede Vitoriosa.....</i>	<i>29</i>

CAPÍTULO II

Desmontando a Cidade: a segregação espacial e os projetos em disputa pelo espaço urbano.

<i>2.1- Pobreza, violência e criminalidade.....</i>	<i>47</i>
<i>2.2-Da periferia para os subcentros: a fala do reordenamento territorial.....</i>	<i>55</i>
<i>2.3- O espaço que articula territórios: o espaço público.....</i>	<i>57</i>
<i>2.4- Os sujeitos e as construções dos espaços.....</i>	<i>61</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
----------------------------------	-----------

FONTES.....	66
--------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	69
--------------------------	-----------

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: SEPLAMA- Estimativa/2007. Setor Sul.....	p.25
TABELA 2: SEPLAMA- Estimativa/2007. Setor Leste.	p.26
TABELA 3: SEPLAMA- Estimativa/2008. Setor Sul.	p.26
TABELA 4: SEPLAMA- Estimativa/2009. Setor Leste.	p.27
TABELA 5: IBOPE MÉDIA QUIS. TV Vitoriosa-SBT	p.34

Resumo

Este trabalho pretende pensar as transformações culturais a partir da relação entre meios de comunicação, cultura e cidade enquanto campos de mediações que envolvem os sujeitos pobres moradores da cidade. Analisando a atuação do Projeto Linha Dura no Seu Bairro, promovido pela TV Vitoriosa e Programa Linha Dura em parceria com entidades públicas e privadas – sobretudo comerciais – que se propõem a fazer prestação de serviço à população uberlandense, evidenciei a necessidade de investigar caminhos e maneiras de construir os processos de transformação dos meios de comunicação, as formas pelas quais distintos grupos sociais se relacionam estabelecendo seus modos de intervir na vida cotidiana. O objetivo da pesquisa é refletir acerca dos diferentes usos sociais desses grupos, dando visibilidade às articulações entre as práticas dos sujeitos sociais e a constituição da cidade.

Considerações Iniciais

Espaços construídos e disputados em Uberlândia

Quando iniciei esta pesquisa, parti do estranhamento em relação a algumas disputas que eu percebia na cidade. No primeiro momento, tais disputas não eram visíveis, talvez por serem tão próximas a mim, e principalmente, porque na condição de moradora em Uberlândia, assim como os demais moradores, de certa maneira, eu participo destes embates.

O que me chamou atenção ao longo destes mais de 15 anos morando em Uberlândia e convivendo com pessoas que também vivenciavam os conflitos a respeito dos significados de ser pobre, foram os estereótipos que a associação de pobreza, violência e criminalidade imputavam (imputam) aos distintos grupos sociais, e de certa maneira, criam uma memória que indissocia estes três segmentos e se transforma em justificativa para segregar grupos em determinados espaços.

Tal inquietação se faz cada dia mais presente em minha trajetória, sobretudo, a partir do momento em que tive minha condição de vida exposta em um meio de comunicação na cidade de Uberlândia, caracterizado pela “prestação de serviço” cunhado jornalismo investigativo.

Acrescente-se a estes fatores, os conflitos vivenciados na escola enquanto aluna e professora: gestou-se a revolta diante das falas desmotivadoras, quando o aluno era associado ao bairro onde morava e os outros (tanto alunos quanto professores – mas principalmente estes últimos) traçavam seu destino como se não houvesse outra perspectiva de vida para além da criminalidade. Tudo isso me levou a questionar e investigar essas disputas na cidade e sinalizou para as relações que os meios de comunicação – que falam sobre esta cidade – constroem no cotidiano.

Desta maneira, elenquei como eixo primário a realização do *Projeto Linha Dura no seu bairro*; promovido por uma rede de televisão regional (Rede Vitoriosa), que sugere a prestação de serviços aliada ao lazer.

Pensando nas disputas na cidade e pela cidade, a necessidade de meios de comunicação em ir para os bairros estabelece o conflito desta questão. Porque não se trata apenas da relação entre transmissor e receptor (telespectador), existe aí outros campos de conflitos que pululam em relação aos espaços sociais.

Também não podemos falar em uma configuração homogênea de espaço social, na medida em que o evento *Linha Dura no seu bairro* necessita da interação na cidade perceber-se um deslocamento de sentidos em relação aos meios de comunicação.

Indagando os usos sociais que distintos grupos fazem a partir da comunicação, podemos questionar de quais maneiras o “medium” televisão atua nestes espaços; e porque não dizer, constrói outros espaços na da cidade?

Não estou falando simplesmente de delimitação territorial estática, mas procuro compreender os significados sociais que estas divisões representam. Quais os sentidos de se construir outros traçados para a cidade dentro de uma configuração espacial que expressa aparentemente a divisão “oficial” do território? ¹

Outra questão importante para esta reflexão indaga até em que medida os meios de comunicação refletem o posicionamento hegemônico sobre uma cultura de mercado? Mesmo nas TVs comerciais: será que são voltadas somente para o comércio? Podemos falar em dominação por inteiro de uma cultura de consumo?

A partir do momento em que uma rede de TV comercial articulada com outros grupos desenvolvem projetos de atuação em bairros, será que visa somente o mercado?

Mesmo que exista uma forte tendência neste aspecto, precisamos considerar que vários grupos estão envolvidos com o *Linha Dura no seu bairro*. Não são somente empresas comerciais, existem outros grupos sociais que enxergam nestes projetos maneiras de intervenção nos espaços urbanos, também percebemos redes de interesses políticos que estão envolvidos através da “atuação social”. Evidenciei nas matérias publicadas em diversos veículos de comunicação os embates que o Evento *Linha Dura no seu bairro* suscitaram.

¹ Precisamos tomar cuidado quando falamos em divisão oficial do território, pois corremos os riscos de atribuir somente aos órgãos governamentais na cidade as responsabilidades com a organização social excluindo desta maneira os outros grupos que se configuram enquanto sujeito social. Para este trabalho, o termo que utilizei neste sentido se justifica pela contestação que será construída ao longo deste trabalho diante do questionamento de quem é (são) o(s) sujeito (s) que atua (m) na cidade.

Muitas vezes não paramos para ver os próprios espaços que pertencemos e disputamos, e não damos atenção para suas modificações e as relações de poder que criam estas modificações. Pois são estas mudanças dos espaços urbanos (neste caso) que podem demonstrar ao mesmo tempo em que ocultam suas intencionalidades.

Vamos aos diversos espaços: Identifiquei/ construí as seguintes teias que se ligam e se configuram na *cidade*:

O espaço físico da cidade traçado a partir dos projetos de setores urbanos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, a divisão em setores: considerei como fonte o mapa de Setores (atualizado em 2008) da SEPLAMA- Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, na cidade de Uberlândia; os dados populacionais dos Bairros Integrados (2007, 2008 e 2009), estatísticas levantadas pelo referido órgão municipal (SEPLAMA), isso permitiu enxergar nessas articulações, algumas intencionalidades por parte da Prefeitura em relação à população, muitas destas não se efetivaram, mas ao olharmos para estes documentos e procurarmos suas relações percebi que muitos projetos de cidade estão imbricados nestes levantamentos. Muitos dos quais não se mostram, mas são colocados como se fossem pré-estabelecidos, objetivos, portanto, inquestionáveis: ou seja, naturalizados, visualizados como exteriores aos moradores de Uberlândia:

O espaço mapeado pelo *Programa Linha Dura*, a partir da incorporação destes setores (divididos pela prefeitura) e modificado pelo grupo. Considerei como fonte o mapeamento dos eventos (durante dois anos: 2008 e 2009); o acervo particular de material áudio visual que acumulei durante os anos de 2008 e 2009, contabilizando aproximadamente 15.000 minutos de material gravado, fichado e catalogado; a pesquisa de IBOPE que mede a audiência do *Programa Linha Dura*, assim como dos programas vinculados pela Rede Vitoriosa os olhares que são direcionados a partir daí em relação à população: através destes números, torna-se necessário fazer um caminho de desconstrução e buscar os grupos que são visados por tal audiência, principalmente se levarmos em conta que o parâmetro da amostragem é a demanda de classe social que se busca almejar. A maneira como a *equipe* da Rede Vitoriosa articulou a efetivação do *Projeto Linha Dura no seu bairro* a partir da apropriação deste espaço “oficial” e construiu outro mapa legitimado pelos grupos que se relacionaram no projeto, tendo como porta de entrada a inserção na vida cotidiana através do *lazer*. Os espaços ocupados pelas empresas que se inserem no *Programa Linha Dura*, os usos sociais que estes grupos fazem destes espaços: As propagandas das empresas, a parceria na realização do projeto, a prestação

de serviço. Investigação a partir da abordagem etnográfica, análise do material gravado e anúncios nos sites destas empresas divulgando suas intenções dentro do *Projeto Linha Dura no seu bairro*.

O espaço construído pelo Jornal Correio ao difundir “a história de Uberlândia” durante o ano de 2009 a partir do que o grupo editorial do jornal considerou como a *história da criação* dos bairros. Através da análise do conjunto de matérias vinculadas pelo jornal Correio de Uberlândia ao longo de 2009 e a localização do que seria a cidade em relação ao país, demonstrou a maneira como o jornal constrói projetos da cidade e apropria da relação passado/ presente para os grupos com os quais estes se relacionam. Questiono que memória é construída aí? E como ela se confronta em alguns momentos em outros compartilha com as outras construídas por estes grupos e seus projetos. Que cidade é essa que grupos dominantes na cidade estão buscando?

Capítulo 1

Desenhando a Cidade:

1.1-Debates contemporâneos nos meios de comunicação

Nos últimos anos, as discussões em torno dos meios de comunicação aumentaram significativamente, as diversificações de mídias propiciadas pelos avanços tecnológicos: a “popularização da internet”, as disputas exacerbadas das empresas de telefonia; a proliferação das TVs digitais (no planeta como um todo) assim como a digitalização do rádio. Mas uma das questões mais significativas nesses debates indaga quais os papéis dos “canais abertos” de televisão diante dessa diversidade? De quais maneiras a televisão brasileira configura o chamado “espaço público”?

Partindo do pressuposto de que *a mediação televisiva ou radiofônica passou a constituir, a fazer parte da trama dos discursos e da própria ação política.*² Conforme aponta Martín-Barbero, investigar a inserção dos meios de comunicação – e principalmente pela televisão – no espaço público, além de sua constituição; direciona-nos para o campo da ação política na constituição de redes de comunicação. Se estas configuram novo espaço público, torna-se essencial questionar as atuações dos distintos grupos sociais. De quais maneiras se dão os “usos sociais” deste espaço?

Pensar a hegemonia comunicacional de mercado sem reduzir a cultura somente enquanto cultura de mercado significa dizer que embora consideremos tal hegemonia, esta não é homogênea, visto que se insere nas tramas sociais e disputas de poder, a partir de diversos aspectos e distintas intenções.

*A invocação do povo legitima o poder da burguesia na medida exata em que essa invocação **articula** sua exclusão da cultura. E é nesse movimento que se geram as categorias „do culto” e „do popular”.*³

Tal sinalização de discussão a respeito do popular nos faz questionar as maneiras pelas quais os meios de comunicação se apropriam dessa noção de “popular” para se inserir na

² MARTÍN- BARBERO. J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5 ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p.14.

³ Idem, p.35. (Grifos do autor)

realidade daquelas pessoas que vivenciam a exclusão social, de maneira sofredora. Não digo com isso que esses meios de comunicação agem de forma degradante como um todo; é necessário distinguir os vários sentidos que esses meios assumem a partir de lugares tão diversos quanto.

Dentro da conceitualização de meios de comunicação englobamos diversos fazeres sociais. Permitindo pensar na imprensa e suas divisões: há uma separação bastante explícita entre a grande imprensa e a imprensa popular/ alternativa. Podemos distinguir a grande mídia televisiva das pequenas redes afiliadas. Contudo, é necessário atentarmos para as diferenciações entre redes de televisão: se na primeira percebemos um embate em relação à grande imprensa, na segunda não podemos evidenciar este embate diante dos enormes conglomerados midiáticos do país, porém, não podemos generalizar uma suposta cumplicidade entre os mesmos: esta relação é bastante complexa e merece uma atenção especial⁴, uma vez que se torna necessário apresentar alguns debates correntes em relação aos meios de comunicação.

Tais discussões estão cada vez mais fortes dentre diversos segmentos sociais, participam de reivindicações por distintos setores da sociedade, são pautas de vários movimentos sociais, assim como os grupos de profissionais que participam dos meios de comunicação, cientistas sociais, historiadores, jornalistas, publicitários, empresários, etc. Contudo, estas discussões intensas raramente são pautas das edições de jornais impressos, televisionados, e revistas de grande circulação. Mas isso não significa que não exista. A questão da omissão desses debates é parte essencial da existência dos mesmos e da amplitude de seus poderes nesse sentido.

Mas, para mapear tais alterações é necessário considerar não somente os grandes veículos de comunicação enquanto fonte, mas aqueles que possuem pouca divulgação, porém, muita insistência.

Na edição nº 54 de setembro de 2007 da revista FORUM a capa trazia a seguinte chamada “Imagine o Brasil sem a Globo”; se propôs a discutir exaustivamente algumas dessas questões, numa conjuntura em que as concessões das TVs e rádios estavam a ponto de vencer

⁴ Alexandre Bergamo analisa os estudos e pesquisas sobre televisão. O autor foca na questão das divisões em segmentos e gêneros que tais pesquisas constroem. Nesse sentido, Bergamo aponta que estas divisões representam uma forma de ver que é também um ato social. Segundo o autor, várias destas pesquisas sobre televisão sinalizam as hierarquias construídas no meio. Ver: BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem; as pesquisas sobre televisão no Brasil. In: *Tempo Social* (revista de sociologia). São Paulo: USP, v.18, n.1, p.306.

a outorga. Diante disso, as matérias selecionadas para compor o conjunto da referida edição, trazia inúmeros debates nos meios de comunicação, explicitando as preocupações dos grupos que atuam nestes meios.

Segundo Daniel Merli, na matéria intitulada “Teles VS, TVs: Uma briga esquizofrênica”, *...as empresas de telecomunicação, reunidas na Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e televisão (Abert), sentem-se ameaçadas em seu eterno domínio sobre o que brasileiros e brasileiras vêem na telinha.*⁵

Uma vez que as empresas de telefonia fazem “pacotes” de assinaturas que englobam TV a cabo, internet banda larga e telefonia fixa, permitindo ao cliente praticidade a custo reduzido. Mas então qual é a briga? A questão é que diante dessas façanhas das empresas de telefonia, a televisão aberta recebe⁶ perder *espaço* nas casas das famílias brasileiras, falando de outra forma: serem prejudicadas no mercado dos meios de comunicação.

Nessa mesma reportagem, com o subtítulo “ Tapa em publico, beijos no privado”, Daniel Merli aponta que esse debate tomou proporções gigantescas, visto que

*A briga de mercado foi parar no Congresso Nacional, já que as emissoras nacionais usam o controle sobre a produção audiovisual, garantida pela Constituição, como poder de barganha nas negociações.*⁷

Isso significa que existem vários debates no Congresso Nacional em relação aos “direitos” das emissoras, também, existe investimento público e privado nos canais de televisão isso movimenta muito dinheiro para estes grupos, ao mesmo tempo em que muitos desses grupos de TVs abertas fazem parcerias entre si e nas empresas nos meios de comunicação como um todo articulando, tanto nos canais fechados, quanto abertos, redes de telefônicas e editoras (que produzem também materiais impressos: jornais, revistas, etc.).

Por detrás dos conflitos existem acordos, barganhas políticas, tanto que, fiquei me perguntando quais os motivos que levariam estas discussões a ocuparem espaços significativos no Congresso Nacional?

Pesquisando estes debates através dos distintos veículos de comunicação –TV, jornais, revistas, rádios, internet – constatei que as discussões acerca destes “mercados de

⁵ MERLI, Daniel. Capa: Teles VS. TVs: Uma briga esquizofrênica. *FORUM*, nº 54, setembro/ 2007. Publisher Brasil, ano 5, p. 23.

⁶ O que geralmente acontece, mas ainda de maneira discreta.

⁷ Idem, Ibidem, p.24.

informação” não são poucas. Então quais os interesses que forjam por detrás destas discussões?

As redes de televisão são empresas privadas, mas tanto o espaço quanto as concessões a estas redes são públicas (ou pelo menos deveriam ser). Através do Ministério das Comunicações e da Casa Civil, o Executivo Federal controla as concessões das emissoras de TV e canais de rádio no Brasil, tais concessões têm um período de validade correspondente a 10 e 15 anos para rádios e TVs respectivamente.

Contudo, Bia Barbosa em “Como se constrói um monopólio”⁸ nos chama atenção para a morosidade na qual este processo ocorre chegando as emissoras a permanecerem “no ar” mesmo sem renovarem as concessões: ou até mesmo o carácter superficial como este processo é encarado conforme interesses políticos envolvidos.

A manutenção do sistema de concessões em voga já em 1987 era motivo de discussão na Assembleia Nacional Constituinte⁹. De acordo com Lamarão, dos 559 parlamentares reunidos na Assembleia: *Desse total, mais de 20% mantinham ligações com os meios de comunicação.*¹⁰

Segundo Bia Barbosa,

*Dados do estudo “os Donos da Mídia”, do Instituto de Estudos e Pesquisa em Comunicação, mostram que somente seis redes privadas nacionais de televisão aberta e seus 138 grupos regionais afiliados detêm a propriedade de 667 veículos de comunicação, entre emissoras de TV, rádios e jornais.*¹¹

Com essa discussão pretendo chamar atenção para os interesses que envolvem os debates contemporâneos nos meios de comunicação. Nesse sentido, evidencio a presença de “figuras políticas” dentro desse debate. Embora seja corrente indagarmos estas redes de interesses apenas na esfera Nacional, e pensar a mídia como sendo o “monstro todo poderoso”, é necessário questionar a inserção das disputas em torno dos meios de

⁸ BARBOSA, Bia. Como se constrói um monopólio. *FORUM*, nº 54, setembro/ 2007. Publisher, p. 14- 17. Brasil, ano 5.

⁹ Segundo o historiador Sergio Tadeu de Niemeyer Lamarão; no dia 1º de fevereiro de 1987, na Assembleia Nacional Constituinte convocada para discutir as concessões defendida pelo então ministro das comunicações Antonio Carlos Magalhães (ACM) “previa o prazo de dez anos de validade para emissoras de rádio e 15 para as de TV”. (LAMARÃO:2001, p.91). Para maiores informações ver LAMARÃO, Sérgio T de N. Mídia e política: as concessões de canais de rádio e televisão na Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988). In: *LOCUS; revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/ Arquivo histórico: EDUFJF, 2001, v.7, nº 2, pp.85-96.

¹⁰ Idem, p.91.

¹¹ BARBOSA, Bia. Como se constrói um monopólio. *FORUM*, nº 54, setembro/ 2007. Publisher. Brasil, ano 5, p. 16. (grifos meus).

comunicação na vida cotidiana: pensando, sobretudo, nos “grupos regionais afiliados” nos veículos de comunicação.

Acredito que muitas discussões nos meios de comunicação como um todo, se fazem a partir dos pequenos e múltiplos detalhes; isso evita tornar abstrato vários conflitos sociais.

Outra questão que compõe os debates nos meios de comunicação diz respeito a democracia, e ao espaço público. Confesso a inquietação que este termo “espaço público” provoca em mim: indago de quais maneiras tal espaço se efetiva ao passo que as redes de TV são empresas particulares? Que espaço público é este que controla o que deve ou não ser dito discutido segundo interesses privados?

A discussão a respeito da configuração do espaço público na mediação televisiva está em consonância com o formato da comunicação televisiva se apresenta em relação à massificação dos meios de comunicação no Brasil na chamada transição democrática pós ditadura militar. Nesse sentido, a democratização dos meios apresenta fortes discussões; também podemos atribuir ao avanço de uma cultura de mercado a relação com a configuração da comunicação televisiva – a este respeito é necessário fazer algumas ponderações.

Fernando Lattman- Weltman argumenta que;

Com a plena vigência da censura após o AI-5, porém, o fato é que as chamadas “funções” políticas mais imediatas e tradicionais do jornalismo impresso- a clara exposição da luta pelo poder, a denúncia dos desmandos e abusos dos poderosos e do Estado, a defesa dos direitos e liberdades democráticos mais fundamentais -, inviabilizadas no espaço da grande imprensa, foram de certo modo absorvidas pela chamada imprensa alternativa que surgiu e proliferou justamente no momento mais difícil e repressivo do regime de 1964, extinguindo-se, talvez ironicamente, exatamente no período de abertura política, nos anos 1980. Foi nesses jornais, de periodicidade irregular e circulação reprimida, que se produziu a informação política mais franca e contundente -...- e se gestou um padrão incipiente de “jornalismo investigativo” cujos frutos puderam talvez ser mais bem apreciados muito mais tarde.¹²

O autor considera que a partir da abertura democrática, gestou um novo padrão de jornalismo investigativo, que se fez em relação as condições impostas no período. Cabe salientar que o caráter de denuncia neste formato jornalístico posteriormente se configuraria no espaço televisivo abrangendo a comunicação como um todo. Entretanto, não podemos homogeneizar este formato como sendo o único vigente. Ele se configura em embates

¹². Ver: LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil. In: ABREU, A.A; LATTMAN-WELTMAN. F; KORNIS, M. A. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 138-139.

interiores ao próprio fazer jornalístico. As discussões pela defesa da imparcialidade revelam este embate na medida em que se faz em relação ao chamado jornalismo de cunho sensacionalista. O formato do jornalismo investigativo se apresenta em diálogo com a privação da liberdade de expressão; daí possivelmente a defesa nos meios de comunicação pelo discurso democrático. Outra questão que caracteriza o formato da telecomunicação no Brasil está em consonância com os usos tanto por parte de figuras públicas quanto pela tentativa de repressão. Visto que os militares utilizaram das estratégias na mídia para difundirem seus ideais e dos grupos de interesses.¹³

Não é condição única e exclusiva o caso brasileiro, Walter Benjamin discute em *Magia é técnica; arte e política*¹⁴ a utilização dos meios de comunicação e sua força em se relacionar com vários grupos: estratégia utilizada por vários regimes ditatoriais, inclusive o Fascismo na Itália, e as propagandas no rádio.

A questão é que a configuração do espaço público a partir deste patamar se faz mediante a institucionalização dos meios de comunicação no Brasil, na década de 1980, propiciada por sua intervenção política criando tal espaço, em que a bandeira da democracia representativa é defendida pelos meios.

Por outro lado, a intervenção dos meios de comunicação a partir dos embates no fazer jornalístico e na configuração do espaço público se faz de outras maneiras. Visando uma aproximação com o popular, caracterizando a sociedade, assim como seu papel. Aliado a isso percebemos o poder da palavra na designação de povo e popular, os sentidos que daí advém a intervenção dos meios de comunicação de massa, principalmente nestes.

A generalização da noção de “povo” encobre intenções políticas nos meios de comunicação: falar em comunicação de massa muitas vezes apresenta um discurso superficial aparentemente neutro: contudo é necessário investigar os sentidos que estão silenciados por detrás deste discurso.

Muitas posturas no jornalismo carregam estas intencionalidades. É corriqueiro presenciarmos em algumas correntes nessa profissão a defesa da imparcialidade. Prezam por

¹³ O recorte temporal do autor aborda o período entre a Ditadura Militar e a abertura democrática (aproximadamente meados da década de 1960 até meados da década de 1980), para investigar os jogos de interesses que envolvem os meios de comunicação no país.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

uma neutralidade no ambiente jornalístico: a postura que muitos grupos nesta área defendem a imparcialidade: a maneira como o telespectador é inserido nestes grupos demonstra estes posicionamentos: a questão da fala dos entrevistados neste ambiente aparece como sendo “opinião”: muitas pesquisas no ambiente jornalístico tratam os entrevistados apenas a partir de sua “opinião”; e suas falas são usadas para legitimar os discursos desses grupos.¹⁵

Minha pergunta é: onde está o sujeito? Como as “pessoas comuns” são tratadas nesta relação? Quais as consequências do telespectador como é inserido nos meios de comunicação?

Tais questões nos remetem para as maneiras como o espaço público é configurado nos meios de comunicação em especial no fazer jornalístico. Não digo com isso que as “pessoas comuns” não aparecem no espaço público da rede midiática: mas a questão é como elas aparecem? Tenho uma inquietação a este respeito na medida em que dizer que elas não aparecem reafirma um posicionamento que contribui para excluí-las enquanto sujeitos sociais e deslegitimar suas ações e posicionamentos políticos.

Por outro lado, dizer que este meio possibilita o aparecimento destas pessoas de forma objetiva e exata seria uma falácia encobriria os conflitos que estão na base da questão.

Entretanto, não podemos fechar os olhos para os embates que sustentam a discussão. Existe uma dimensão muito forte destas alterações: a questão da *Democratização dos meios*.

Não são poucas as defesas dos profissionais do jornalismo em torno da defesa da democracia nos meios de comunicação: alicerçada no discurso da constituição do espaço público na rede midiática.

É necessário ponderar a este respeito; o que está por detrás dessas defesas? Tentando adentrar nestas questões evidencio a relevância do tema visto que, nos últimos anos, as discussões em torno da democratização dos meios aumentaram significativamente; ou seja; o direito a comunicação enquanto direito de todos. Entretanto, tenho algumas dúvidas em relação a maneira como isso é interpretado e recebido pelos profissionais da comunicação social.

¹⁵ Cabe ressaltar que neste caso, o fazer jornalístico se aplica tanto ao impresso quanto ao televisivo – respeitando as especificidades de cada um – visto que refere a uma posição assumida e articulada a partir da mediação.

Mas, voltemos ao “espaço público”: como se configura este espaço? Quais os sujeitos que atuam e como atuam? Como o povo participa do espaço/ constrói/ interfere/ modifica?

Acredito que a designação da categoria “povo” é generalizante, mas gostaria agora de mudar o lugar desta questão e pensar nos significados de “povo” para quem se reconhece ou não enquanto parte desse “povo”.

Historicamente a caracterização da noção de “povo” se mostra de maneira conflituosa: muitas vezes, ambígua, mas acima de tudo a investigação dos sentidos que tal designação sugere torna-se essencial para entendermos possíveis intencionalidades carregadas. Dessa forma é necessário pensar de quais maneiras a categoria “povo” foi empregada ao longo do tempo.

Considerando a noção romântica de povo aliada à nação, percebemos no século XIX certa mistificação do popular. Diante da formação de espaços culturais específicos de cada classe a partir do momento em que o próprio sentido de cultura passa por uma transformação. O pensamento moderno atribui a cultura uma visão dicotômica e romantizada na medida em que a cultura erudita demarca um posicionamento da burguesia, visto como reacionário, tentativa de manutenção de valores retrógrados, por outro lado, vemos o endeusamento da cultura popular como o lugar da diversidade ao passo que homogeneiza o entendimento acerca das classes populares e retira destas toda e qualquer autonomia ou mesmo capacidade de ações.

Nesse sentido, estas duas chaves de compreensão em relação a cultura, desloca para o campo dos conceitos o que por outro lado significa *movimentos históricos ainda não definidos*¹⁶, Temos aí uma expressão de um processo de transformação dos usos e ressignificados de cultura, visto que o popular seria ao longo do tempo colocado em um lugar específico, generalizado e associado a massificação. Em outras palavras, os usos sociais do popular se fazem pelos sentidos que são construídos para caracterizar grupos sociais e deslegitimar ou mesmo legitimar suas atuações. Pensemos no movimento de popular a massivo:

Em *Nota sobre a desconstrução do “popular”* Stuart Hall trava uma discussão essencial para se pensar as implicações de “cultura” e os trabalhos e compreensões correntes

¹⁶ Conforme Raymond Williams nos chama atenção em *Marxismo e literatura* ao desconstruir o “conceito de cultura”. Ver: WILLIAMS, Raymond. Cultura. In: ____ *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.p.17.

em torno de seus significados. As dificuldades que permeiam a relação cultura/ popular/ classe/ tradição. Segundo Hall,

*No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. Este fato deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações.*¹⁷

Tamanha transformação que se fez ao longo do capitalismo que alterou as formas de vida das classes populares, a mudança na organização social se fez a partir da transformação da cultura das classes trabalhadoras. Em contrapartida, a tradição popular – conforme enfatiza Hall – se mostrava enquanto um espaço de resistência do “povo” diante dessa transformação.¹⁸

O problema, segundo Hall, é que se tornou corriqueiro interpretar a tradição popular como sendo retrógrada estática. Outro equívoco apontado pelo autor refere-se à unificação entre tradição e cultura popular como se ambas equivalessem à mesma coisa.

Também a bipolarização entre contenção e resistência como se a cultura popular fosse o lugar único e exclusivo da resistência das classes populares. Não digo com isso que inexistia resistência na cultura popular, mas por outro lado compartilho com Stuart Hall que,...*não existe uma “cultura popular” íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais.*¹⁹

Entretanto, muitos estudos culturais se esforçam para buscar certa autenticidade na cultura popular, reduzindo dessa forma a complexidade em se pensar a cultura popular em suas relações heterogêneas, desiguais, conflituosas; atribuindo, assim, uma visão romantizada sobre as classes populares.

No outro pólo da discussão se localiza a depreciação da cultura popular na medida em que a predominância de uma indústria cultural, a massificação da cultura, a lógica de consumo reduziria o “povo” a meros consumidores apáticos de atitudes. Enfim, massa de manobra do consumismo na indústria cultural.

¹⁷ HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: ____ *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 231.

¹⁸ Idem, p. 232.

¹⁹ Idem, Ibidem, p. 238.

Muitas interpretações sobre a sociologia da cultura primam por esta perspectiva. Não podemos generalizar a cultura popular nestes dois extremos, também não devemos ignorá-los ao ponto de supor que estas chaves de compreensão seriam incapazes de levar-nos de alguma maneira²⁰ para investigar os estudos culturais.

Nesse caso podemos pensar em um tripé que articula popular- massivo- classe social. Por detrás das discussões entre popular e massivo está a discussão de classe social, sendo o elemento que alterna as concepções e transformações entre um e outro. Estes elementos são imprescindíveis para a análise da inserção do *Programa Linha Dura* na vida cotidiana; pensemos a partir de dois momentos : o primeiro diz respeito ao programa e sua relação com uma tradição do rádio no que concerne aos programas populares e a interação com grupos sociais na cidade.

Num segundo momento, teremos o deslocamento do programa a partir da relação com a população, num contato direto, não mais mediado pelo *medium* televisão, mas também sem abandoná-lo como um todo. A efetivação do *Projeto Linha Dura no seu bairro*, em que a pesquisa etnográfica propiciou pensar o programa para além da inserção nos bairros, mas revelando um projeto de constituição da cidade, mediante modificação dos espaços: não são somente espaços físicos, mas estes são legitimados e transformados a partir da transformação de meios de comunicação para redes de comunicação e posteriormente em redes de espaços mediados: eis o cerne da discussão.

Estes espaços mediados são articulados com os distintos projetos de modificação no espaço urbano, incluindo aqueles que partem da gestão municipal para a cidade de Uberlândia: a Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente (SEPLAMA). Para analisar os dados populacionais da SEPLAMA é necessário conhecer quais os critérios de análise que o órgão utiliza para incorporar ou excluir regiões habitadas na cidade.

Segundo Caldeira, *estatísticas são construções, e, dependendo de como elas são desenhadas e os números agregados ou separados, podem originar diferentes imagens da realidade social*.²¹ Proponho com esta discussão, expor algumas dentre as várias

²⁰ Mesmo que forçosamente, e não necessariamente para apropriar ou distorcer dizendo o que estas vertentes não dizem, mas por outra maneira, para investigar, discutir com/ construir trajetos e diálogos possíveis para explicar porque escolhemos este caminho e não aquele.

²¹ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*: ed.34: EDUSP, 2000, p.115.

possibilidades de interpretação acerca das intenções nos projetos e levantamentos estatísticos sobre a população uberlandense.

O estudo que mede a população de bairros integrados no planejamento urbano da cidade, ou seja, outros tipos de organização espacial que não corrobora com os interesses de órgãos governamentais da cidade, são excluídos, ou seja; as ocupações irregulares. O Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia se refere aos objetivos do Projeto Bairros Integrados (criado no final da década de 80) da seguinte maneira:

*Esse projeto visa criar condições para um estudo detalhado da atual malha urbana, isto é, propõe um sistema racionalizado de divisão do espaço, o qual facilita o trabalho dos órgãos públicos e das entidades privadas, bem como orientar a população no que tange a sua localização dentro da cidade. A meta é contribuir com a estruturação da cidade que leve ao crescimento ordenado e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos seus habitantes.*²²

Na estimativa populacional, em termos de contagem, há distinção a partir de três patamares: os bairros integrados e censeados, os bairros não integrados porém censeados, e os bairros não censeados. Existe uma diferença intrigante entre o levantamento populacional entre 2007 e nos dois anos seguintes:

TABELA 1: SEPLAMA- Divisão De Planejamento Integrado; Dados Populacionais - Estimativa/2007.Setor Sul.

SETOR SUL																						
ZONA		POPULAÇÃO POR BAIRRO	ÁREA Km²	Nº DE DOMICÍLIO	POPULAÇÃO																	
					SEXO		FAIXA ETÁRIA															
					Masculino	Feminino	Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 a 69 Anos	70 a 79 Anos	Mais de 80 Anos		
11	Tubalina	10304	1,536	3000	5048	5255	172	700	917	909	1028	1030	909	848	939	1345	719	463	243	81		
	Cidade Jardim	6306	2,061	1738	3091	3215	93	379	547	600	651	570	453	514	662	1028	426	246	102	35		
10	Nova Uberlândia ¹	0		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
	Patrimônio	3956	0,994	1224	1938	2018	45	239	324	358	355	394	356	380	376	539	282	184	79	46		
	Morada da Colina	2034	2,74	559	998	1038	23	97	147	227	236	197	133	127	188	350	206	62	37	6		
9	Vigilato Pereira	5310	1,312	1466	2602	2707	61	277	409	499	613	480	385	394	479	849	457	252	106	48		
	Saraiva	10085	1,142	3115	4941	5142	120	457	634	821	1044	1104	930	808	812	1433	978	567	283	92		
	Lagoinha *	12013		4306	5886	6125	134	641	778	856	1082	1288	1188	890	868	1446	1230	935	508	169		
	Carajás *																					
	Pampulha *																					
22	Jardim Karaíba	2211	2,78	595	1083	1128	35	154	209	229	188	168	133	196	261	388	132	65	31	22		
	Jardim Inconfidência ¹																					
21	Santa Luzia	4681	0,708	1278	2294	2387	73	316	396	459	494	455	383	394	460	701	299	152	64	35		
	Granada	9060	0,479	2622	4438	4622	154	747	989	857	806	738	884	1117	985	1037	434	210	75	26		
	São Jorge	25943	4,817	6852	12708	13234	508	2221	2969	2865	2610	2465	2451	2557	2274	2767	1288	620	249	101		
	Laranjeiras	17661	4,934	4799	8653	9009	337	1538	2037	1959	1542	1547	1737	2014	1576	1821	859	486	164	44		
24	Shopping Park ¹	0		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
TOTAL		109563	24	31554	53680	55880	1755	7767	10357	10638	10650	10437	9941	10237	9881	13704	7309	4244	1942	705		

* População Acumulada - Fonte:

IBGE/Censo/2000

¹ Bairro não censeado Masr

²²PORTAL DA PREFEITURA; secretaria de planejamento urbano. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/secretaria.php?id=17&id_cg=1602. Acesso em: dez./2009.

TABELA 2: SEPLAMA- Divisão De Planejamento Integrado; Dados Populacionais - Estimativa/2007. Setor Leste.

SETOR LESTE																					
ZONA	BAIRROS	POPULAÇÃO POR BAIRRO	ÁREA Km²	Nº DE DOMICÍLIO	POPULAÇÃO																
					SEXO		FAIXA ETÁRIA														
					Masculino	Feminino	Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 a 69 Anos	70 a 79 Anos	Mais de 80 Anos	
6	Tibery	22.583	3,371	6597	11066	11518	308	1410	1770	1969	2290	2404	2112	1880	1806	2927	1848	1160	533	165	
8	Santa Mônica	33.773	5,737	9971	16550	17224	475	1966	2737	3026	3420	3521	3171	2887	2971	4721	2585	1427	660	210	
	Segismundo Pereira	19.380	3,182	5519	9497	9883	291	1259	1685	1714	1847	2099	1773	1654	1623	2788	1455	750	317	127	
19	Custódio Pereira	3.643	1,33	1042	1785	1858	33	124	248	318	453	403	258	233	272	679	344	176	72	30	
		11.086	2,815	3186	5438	5649	170	618	884	1032	1132	1179	924	871	911	1656	894	515	226	74	
34	Aclimação - NI	9.677	1,065	3469	4742	4936	106	515	643	689	869	1035	955	717	699	1165	988	753	407	134	
	Alto Umuarama ¹	0		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
36	Jardim Ipanema	7.474	1,258	2680	3663	3811	82	397	497	534	669	798	737	553	540	899	764	582	315	106	
	Morada dos Pássaros ¹	0		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Mansões Aeroporto	1.468	2,305	526	720	748	14	77	98	105	133	155	146	109	107	177	150	114	63	21	
37	Dom Almir - NI	4.671	0,103	1676	2288	2382	50	249	311	333	418	499	460	346	337	565	478	363	199	64	
	Alvorada - NI	4.404	0,215	1578	2158	2246	48	233	292	314	396	471	434	324	318	529	450	345	185	63	
	Morumbi	16.799	3,853	4544	8232	8566	370	1593	2051	1776	1490	1565	1681	1812	1468	1642	778	380	158	36	
TOTAL		134.960	25	40787	66140	68822	1.948	8441	11217	11809	13118	14130	12651	11385	11051	17748	10733	6565	3134	1032	

NI - Não Integrado

¹ Bairro não

Censeado

Masr

Nas tabelas de 2007 (tabelas 1 e 2), não consta justificativa para as omissões de censeamentos, já nas tabelas de 2008 (tabela 3) e 2009 (tabela 4), a justificativa para a omissão do censeamento nos bairros que estão em observação (obs ¹) é que eles não estão integrados , entretanto, outros bairros não integrados (NI) estão censeados, como podemos visualizar na tabela 4 que apresenta todos os bairro censeados, embora predomina a seleção entre bairro integrados e não integrados:

TABELA 3: SEPLAMA- Divisão De Planejamento Integrado; Dados Populacionais - Estimativa/2008. Setor Sul

SETOR SUL																				
BAIRRO	POP. POR BAIRRO	ÁREA (Km²)	Nº DE DOMIC.	POPULAÇÃO																
				SEXO		FAIXA ETÁRIA														
				Masc.	Fem.	Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 a 69 Anos	70 a 79 Anos	Mais de 80 Anos	
Tubalina	10.542	1,535	3.069	5.165	5.376	176	716	938	930	1.052	1.054	930	868	961	1.376	736	474	249	83	
Cidade Jardim	6.452	2,662	1.778	3.162	3.289	97	388	560	614	668	583	463	526	677	1.052	436	252	104	36	
Nova Uberlândia ¹		3,423																		
Patrimônio	4.048	0,982	1.252	1.983	2.065	46	245	331	366	363	403	364	389	385	551	289	188	81	47	
Morada da Colina	2.081	2,737	572	1.021	1.062	24	99	150	232	241	202	139	130	192	358	211	65	38	6	
Vigilato Pereira	5.433	1,320	1.500	2.662	2.770	62	283	418	511	627	491	394	403	490	869	468	258	108	49	
Saraiva	10.318	1,156	3.187	5.055	5.261	123	468	649	840	1.068	1.130	951	827	831	1.466	1.001	580	290	94	
Lagoinha ²		0,565																		
Carajás ²	12.290	0,713	4.405	6.022	6.266	137	656	796	876	1.107	1.318	1.215	911	888	1.479	1.258	957	520	173	
Pampulha ²		1,270																		
Jardim Karaíba	2.262	2,692	609	1.108	1.154	36	158	214	234	192	172	136	201	267	397	135	67	32	23	
Jardim Inconfidência ¹		1,700																		
Santa Luzia	4.789	0,708	1.308	2.347	2.442	75	323	405	470	505	466	392	403	471	717	306	156	65	36	
Granada	9.269	0,479	2.683	4.541	4.729	158	764	1.012	877	825	755	904	1.143	1.008	1.061	444	215	77	27	
São Jorge	26.551	4,829	7.010	13.002	13.540	520	2.272	3.038	2.931	2.670	2.522	2.508	2.616	2.327	2.831	1.318	634	255	103	
Laranjeiras	18.069	4,954	4.910	8.853	9.217	345	1.574	2.084	2.004	1.578	1.583	1.777	2.061	1.612	1.863	879	497	168	45	
Shopping Park		7,201																		
Totais	112.105		32.283	54.920	57.171	1.798	7.945	10.595	10.885	10.897	10.677	10.175	10.476	10.108	14.021	7.479	4.342	1.986	721	

Obs.: ¹ a ausência de informações em alguns bairros se deve ao fato de que na época do censo os mesmos não existiam como Bairro Integrado;² os dados agrupados de alguns bairros são devidos a ausência de dados específicos de cada bairro fornecidos pelo IBGE

TABELA 4: SEPLAMA- Divisão De Planejamento Integrado; Dados Populacionais - Estimativa/2009. Setor Leste.

SETOR LESTE																		
BAIRRO	ÁREA (Km²)	Nº DE DOMICÍLIO	POP. POR BAIRRO	SEXO		POPULAÇÃO												
				Masc.	Fem.	FAIXA ETÁRIA												
						Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 a 69 Anos	70 a 79 Anos
																		Mais de 80 Anos
Acimação ¹	1,065	974	3.544	1.809	1.735	58	275	387	359	318	364	324	324	309	434	203	114	52
Alto Umarama	1,915	1.493	5.434	2.713	2.719	94	415	595	492	520	530	525	543	541	636	307	161	53
Alvorada ¹	0,215	762	2.772	1.342	1.430	37	165	213	256	352	356	204	133	194	461	231	103	63
Custódio Pereira	2,813	3.176	11.559	5.709	5.850	175	643	921	1.076	1.181	1.230	967	909	949	1.727	932	537	237
Dom Almir ¹	0,103	1.179	4.293	2.262	2.031	88	426	503	499	489	514	343	327	303	438	197	106	42
Jardim Ipanema	4,308	1.818	6.619	3.400	3.219	119	574	688	651	634	690	654	644	483	757	382	222	83
Jardim Paraíso ¹	7,448	41	149	72	77	2	11	17	13	14	13	17	16	11	16	11	4	2
Mansões Aeroporto	4,130	449	1.636	820	816	17	142	174	171	170	159	161	135	116	198	111	58	15
Morada dos Passaros	0,817	252	916	461	454	18	78	88	99	82	86	64	65	73	104	62	48	38
Morumbi	3,836	4.812	17.515	8.795	8.720	383	1.662	2.138	1.852	1.554	1.631	1.753	1.890	1.531	1.713	811	396	165
Santa Mônica	5,736	9.674	35.215	17.119	18.098	492	2.053	2.854	3.155	3.567	3.672	3.307	3.010	3.098	4.823	2.696	1.485	687
Segismundo Pereira	3,181	5.551	20.207	9.873	10.334	304	1.314	1.757	1.786	1.926	2.188	1.849	1.721	1.693	2.808	1.516	784	330
Tibery	3,384	6.469	23.548	11.479	12.069	319	1.468	1.847	2.054	2.388	2.507	2.203	1.960	1.883	3.052	1.927	1.209	557
Umarama	1,321	1.043	3.798	1.810	1.988	30	130	259	332	472	421	271	243	283	708	358	184	75
Totais		37.693	137.205	67.664	69.540	2.136	9.366	12.441	12.795	13.667	14.361	12.642	11.920	11.467	18.062	9.743	5.411	2.399

Obs.: ¹ Bairro não Integrado

Não creio que estas omissões representem esquecimentos, ou “erros técnicos” acredito que a priorização de censeamentos em alguns bairros integrados e as exclusões de outros expressem intenções em relação aos projetos para a cidade. Isso evidencia que a implementação destes projetos também ocorre de maneira excludente, daí as omissões no mapa de planejamento urbano, alguns territórios que estão ocupados não aparecem no mapa, outros na mesma condição de bairros integrados aparecem no mapa de planejamento urbano.

A Lei complementar nº 432 de 19 de outubro de 2006 que aprova o Plano Diretor para o município de Uberlândia, no capítulo V – Do uso e ocupação do solo, seção I- Das Diretrizes e Ações, Art. 19, III, estabelece para as “diretrizes da política de uso e ocupação do solo” em Uberlândia, “adotar, como unidade de planejamento territorial, a concepção de bairro integrado”. A partir daí percebemos que a vinculação entre o Plano Diretor e o Projeto Bairro Integrado comporta dois - dentre os vários - projetos de reordenamento territorial, o qual implica em seleções - exclusões - e modificação do espaço urbano.

Outra questão diz respeito a importância que o Plano Diretor atribui aos estudos realizados pelas secretarias, os censeamentos, criação de dados. O título III, “Do sistema de informações de gestão municipal” estabelece que: § 3º *O sistema municipal adotará a divisão administrativa de acordo com os bairros integrados.*

Por um lado, isso facilita a gestão e permite – conforme o documento em questão defende – racionalizar a organização espacial e as políticas públicas, mas por outro lado, o art. 45 afirma que,

O Município de Uberlândia dará ampla publicidade de todos os documentos e informações produzidos no processo de elaboração, revisão, aperfeiçoamento e implementação do Plano Diretor, a fim de assegurar à população, o conhecimento os respectivos conteúdos.

Acredito que mais do que assegurar à população o conhecimento destas informações, torna-se necessário investigar como estas relações estão sendo disputadas, a questão é que memória está sendo construída aí? Como estas pessoas estão articulando os projetos de cidade? Quais as demandas sociais que estão em confronto pela implementação e/ ou exclusão destes projetos? Quais os grupos os que defendem? Para quais objetivos?

Também sou inclinada a considerar a relevância destes estudos – de estatísticas – para as intenções de intervenção do Projeto *Linha Dura no seu bairro*. Cada bairro onde aconteceu uma edição do projeto foi estrategicamente pensado, pois, são dispostos em lugares táticos: os bairros São Jorge, Morumbi, Presidente Roosevelt, Tibery e Luizote de Freitas são considerados bastante populosos. Na região central da cidade não foi realizado nenhum evento (até o momento), embora existam bairros com quantidade significativa de moradores, mas com alto poder aquisitivo.

Por exemplo: na semana que antecedeu a sétima etapa do projeto, no bairro Tibery, a Rede Vitoriosa preparou diversas matérias a respeito do bairro. Estas matérias foram exibidas ao longo da semana no *Programa Linha Dura*²³, as questões pautavam em assuntos relativos a segurança pública, lazer, saúde, etc. Moradores do bairro foram entrevistados a respeito das necessidades naquele bairro. Um ponto que mereceu destaque diz respeito à quantidade de moradores, visto que o bairro Tibery é significativamente populoso.

Dessa maneira, percebe-se também na configuração do evento em relação ao programa, a seleção pelos locais de acordo com o poder aquisitivo dos moradores; priorizando os “mais necessitados”. Neste aspecto, é necessário atentar para a relação do evento com o programa, investigar as imagens que são construídas sobre os moradores na cidade de Uberlândia, sobretudo, a partir da desigualdade social.

²³ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, nº 50 programas nº 201(21/09/2009), 202 (22/09/2009), 203 (23/09/2009), 204 (24/09/2009) e 205 (25/09/2009)].

1.2-O Projeto Linha Dura No Seu Bairro na configuração do Programa Linha Dura e a Rede Vitoriosa

O *Programa Linha Dura*, transmitido de segunda à sexta- feira as 12h35 pela Rede Vitoriosa²⁴, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão- SBT, é caracterizado como jornalístico que tem por objetivo a prestação de serviços à população. Busca através da linguagem simples, discutir problemas que envolvem os moradores na cidade, desta maneira, desenvolve projetos como o *Linha Dura no seu Bairro*. Segundo a emissora,

*Tendo em vista a visão social do programa, a TV Vitoriosa, juntamente com a equipe do Linha Dura, percebe que não basta apenas dar notícias e cobrar da administração publica a resolução dos problemas. Concluimos que a nossa missão vai muito além. Assim, estamos estendendo nossas atividades e pretendemos transpor nossos muros e agir de forma a fazer, ainda mais, a diferença junto à comunidade. Com profundo conhecimento das necessidades de cada região da cidade de Uberlândia, e como o foco é no social, o projeto percorrerá as 4 grandes regiões, tendo início pelas as áreas mais carentes. Disponibilizaremos ferramentas e profissionais para: medir pressão, fazer teste de diabetes, distribuição gratuita de sorvete, iorgute, corte de cabelo, medição da pressão dos olhos, orientação sobre higienização bucal, orientação sobre o uso correto de medicamentos e muito mais. Tudo gratuito para você e sua família.*²⁵

Percebe-se na configuração do *Programa Linha Dura* uma forte ligação com os programas radiofônicos na medida em que partem de uma cultura do ouvir, característica do rádio, em relação a participação popular.

Podemos falar que existe uma interação no rádio entre os ouvintes, os grupos que utilizam deste meio para se comunicarem, e através desta mediação atuar de várias maneiras.

De acordo com Menezes: *Na cultura do ouvir, que experimentamos também sob a forma radiofônica, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas. Os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas.*²⁶

²⁴ Segundo o relatório de pesquisa Cpqd, a Rede Vitoriosa pertence à *Wellington Salgado de Oliveira aparece ainda como Diretor e Sócio (Juntamente com Wallace Salgado de Oliveira) da Rede Vitoriosa de Comunicações donos da TV Vitoriosa em Ituiutaba-MG, 148 retransmissora do SBT (SBT, 2006)* além da TV Goiânia no Estado de Goiás. Para maiores informações, ver: FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. *Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005; um estudo quali-quantitativo de TV e cinema*. Cosette Castro (coordenadora)/ Relatório de Pesquisa CPqD, 2006, p. 238.

²⁵ PROJETOS TV VITORIOSA: *Boletim informativo TV Vitoriosa* (01 de Outubro 2009). Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>. Acesso em: dez.2009.

²⁶ MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007, p.98.

O autor acredita que os trânsitos sonoros movimentam as múltiplas vozes, inclusive as dos excluídos. Daí o caráter de prestação de serviço no rádio, a interação mediada através de um dispositivo auditivo.

A questão da prestação de serviço também merece destaque, pois, o rádio propicia que as pessoas falem e sejam ouvidas. Quer seja pedindo materiais de construção ou objetos que necessitam.

Tanto no programa quanto no projeto temos essa relação estabelecida, mas com algumas diferenças essenciais:

A primeira delas diz respeito a imagem no programa televisivo, a esta destaco um espaço fundamental para investigar os deslocamentos que são articulados do rádio para a televisão, já não é mais um aparato auditivo que medeia as relações estabelecidas, mas também visual.

Segundo Menezes, uma diferença essencial entre o rádio e a televisão se faz pela imagem: enquanto no rádio os sons geram imagens endógenas, na televisão, as imagens estão prontas, e a repetição constante pode bloquear a imaginação: “São imagens praticamente “prontas” muitas vezes insistentemente repetitivas, que podem ou não gerar em nossas mentes um criativo conjunto de imagens endógenas.”²⁷ Isso permite indagar como podemos relacionar a comunicação através da imagem?

As edições do *Evento Linha Dura No Seu Bairro* foram articuladas com a exibição do *Programa Linha Dura*,. Além das sextas culturais(durante as sextas o programa exhibe o trabalho de artistas locais e regionais), a postura do apresentador expressa muitas intenções e posicionamentos por parte da emissora (e do grupo que a compõem) em delimitar o perfil do público.

O estúdio de filmagem apresenta um cenário habitual para este tipo de jornalismo cunhado como popular. As cores amarelo azul claro e vermelho, sendo as duas primeiras componentes do fundo: o vermelho geralmente é utilizado para enfatizar, ou a imagem ou o texto, seja no slogan da vinheta de abertura do programa, ou nas “tiras” das reportagens.

A filmagem é feita a partir de duas câmeras: a primeira filma da esquerda para a direita, o enquadramento da imagem é fechado nos pontos das imagens do cenário

²⁷ Idem.

correspondentes na esquerda ao slogan “Linha Dura” e na direita a tela plana (que emite imagens contínuas do slogan com o movimento do punho recaindo sobre as palavras Linha Dura); já a câmera que filma o ângulo da direita para a esquerda propicia um enquadramento com uma abertura maior, esta câmera tem uma mobilidade que permite acompanhar o apresentador. Contudo, a primeira câmera é a mais utilizada, tanto porque, os anúncios dos patrocinadores são feitos por ela. A primeira câmera enfatiza melhor o olhar, tanto do apresentador quanto dos anunciantes.

Estes movimentos de câmera influenciam na maneira como a abordagem é feita, inicialmente trata-se de um meio de inserção para estabelecer a comunicação com os moradores, seus significados sociais remetem para a construção de redes de comunicação, pois através da linguagem imagética é possível criar meios para atuar nos espaços da cidade, uma vez que as imagens também são produzidas socialmente, sobretudo, se considerarmos os sentidos de aproximação com o popular.

No programa televisionado, os temas são relacionados com o perfil do programa, entretanto, isso não restringe que diversas discussões estejam presentes ali, mas predomina os conteúdos envolvidos com a prestação de serviço. Durante o tempo de execução do programa, geralmente são apresentadas seis matérias, a maioria com reportagens.

A progressão da narrativa pode ser dividida em três momentos, permitindo investigar vários tempos que se constituem a partir da combinação de imagens no interior de cada cena e na relação entre as diferentes cenas: No aspecto geral, o programa Linha Dura tem uma duração de 60 minutos. As matérias oscilam entre quatro e doze minutos, mas isso não é condição única. Em cada intervalo das chamadas, o apresentador (que assume o papel de mediador entre as reportagens, empresas anunciantes e telespectadores) comenta, critica, apóia, dramatiza, enfim; se posiciona em relação àquele assunto.

As temporalidades na narrativa são extremamente inconstantes e se confundem gerando uma inquietação aos fazeres jornalístico. É provável que esta distinção de modos de operar as temporalidades entre os profissionais da comunicação e os profissionais de história seja uma dos elementos principais de diferenciação nessas áreas do conhecimento, pois a relação passado/ presente quando vinculada através da imagem em movimento estabelece outras temporalidades que nos levam para um aqui agora contínuo.

Raramente o programa televisivo deixa evidente a distinção entre as temporalidades: no “fato jornalístico”: uma reportagem pode ser gravada em um momento, editada de várias maneiras e vinculada a vários assuntos. Isso não expressa um problema (no aspecto negativo), contudo, gera uma inquietação uma vez que a associação destas matérias em uma temporalidade que se faz sempre presente exclui outros componentes de sua produção.

Eugênio Bucci argumenta que a televisão *encerra um outro tempo*²⁸. O autor discute que a partir da transposição dos espaços, e a alteração das dimensões temporais na mídia, significam mudanças culturais, que vão além dos programas situados pela crítica, mas que são as verdadeiras raízes das dimensões sócio-históricas que precisam ser analisadas e investigadas, pois, a mídia através da ocultação de seu processo de formação se transforma, apresentando a falsa ideia de espelho da realidade. A relação de poder na mídia vai além do que estamos habituados a entender, pois, uma vez que se transforma no sujeito, encobre o poder do capital, configurando assim o fetichismo.

Acredito que na imagem em movimento para o tipo de programa analisado, este fetichismo se faz principalmente pela noção de espelho da realidade²⁹, visto que torna dominante a primazia do fato objetivado sobre qualquer possibilidade de interpretação divergente, seja escrita, verbal ou imagética.

A pesquisa de IBOPE que mede a audiência do *Programa Linha Dura* é importante para visualizarmos o público que a emissora Rede Vitoriosa visa atingir com este tipo de programação: o IBOPE Média Quiz quantifica a audiência de toda a programação da emissora SBT em relação à rede afiliada, a amostragem revela os critérios de análise que são utilizados. A tabela1 permite visualizar esta relação. A primeira questão colocada nesse sentido refere-se a quantificação do público de acordo com a classe social pertencente, neste aspecto temos aí relações classistas estabelecidas, o que permite articular com a caracterização do programa.

De acordo com esta pesquisa de IBOPE, o *Programa Linha Dura* tem o respaldo principalmente das classes C e DE, a faixa etária dos telespectadores varia a partir de 25 anos de idade, entretanto, a leitura da Tabela 5 também permite identificar a relação do público jovem entre 12 e 17 anos, mas a grande maioria do perfil de telespectadores diz respeito à classe trabalhadora e economicamente ativa, (considerando a população idosa), também a

²⁸ BUCCI, E.; KHEL, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004, p.31. (Estado de sítio)

²⁹ Ou seja, uma determinada construção sobre a realidade é colocada como se fosse a única e nesse sentido, existe a tentativa de polarização entre dois segmentos sociais: ricos e pobres, estereotipando ambas as partes.

pesquisa aponta que na distinção de gênero³⁰, existe uma diferença entre homens e mulheres apontando para uma relevância maior de espectadoras do programa³¹.

Em relação ao percentual de residências ligadas no horário, a pesquisa aponta para um total de 7% , a participação total da emissora no universo de domicílios ligados no horário (entre 12h35 e 13h35, visto que a partir desse horário o espaço é destinado à produções independentes até as 14h15) corresponde a 17%, equivalendo a 12.960% do total de residências ligadas na cidade de Uberlândia³².

³⁰ Ressalvo que esta distinção é limitada na pesquisa de IBOPE, restrita aos gêneros masculino e feminino.

³¹ Na efetivação do *Projeto Linha Dura No Seu Bairro*, percebe-se a confluência entre as espectadoras e o público que o evento almeja atingir.

³² Pesquisa encomendada pela TV Vitoriosa, amostragem referente ao mês de maio de 2009.

TABELA 5: IBOPE MÉDIA QUIS. Qualificação por programa TV Vitoriosa-SBT. Amostragem Maio/ 2009.

QUALIFICAÇÃO POR PROGRAMA TV VITORIOSA-SBT
IA% / PA% / ABS% / ABS# - DOMICILIAR E
INDIVIDUAL



Prorrogação	Dia	Hora	Sexo		Classe Social			Faixa Etária					Domiciliar			Individual
			H	M	AB	C	DE	4a11	12a17	18a24	25a49	50+	IA	PA	ABS	ABS
Jornal do SBT Manhã	Seg/Sex	06h00	30	70	23	54	23	2	2	2	49	17	30	2	24972	3.838
Chumbo Grosso	Seg/Sex	07h00	42	58	14	60	26	10	10	14	42	24	14	62	545	85.686
Carrocel Animado	Seg/Sex	08h00	40	60	1	65	24	34	10	14	23	9	6	287180	14.370	
Bom Dia & Cia	Seg/Sex	09h00	35	65	23	33	44	33	24	23	12	8	4	14068	10.398	
Vitoriosa Esporte	Seg/Sex	11h35	52	48	36	42	22	17	36	25	16	6	4	12890	8.928	
Jornal da Vitoriosa	Seg/Sab	12h00	47	53	26	47	27	6	17	12	40	25	7	17	13.238	18.860
Linha Dura	Seg/Sex	12h35	44	56	19	45	36	9	19	6	40	26	7	17	12.960	19.392
Cory na Casa Branca	Seg/Sex	14h15	52	48	20	42	38	10	2	5	31	52	2	8	4.366	6.122
Cinema em Casa	Seg/Sex	14h45	43	59	16	54	30	8	4	2	30	56	2	5	3.040	4.448
Casos de Família	Seg/Sex	16h30	38	62	27	43	30	10	8	2	37	43	2	7	3.722	5.424
Programa do Ratinho	Seg/Sex	17h30	45	55	36	42	22	9	7	12	39	33	2	5	4.386	5.476
As Visões de Raven	Seg/Sex	18h30	53	47	25	61	14	2	7	28	49	14	3	4	4.720	5.182
Eu a Patroa e as Crianças	Seg/Sex	18h45	39	61	31	52	17	11	17	7	37	28	4	6	7.598	12.246
SBT Brasil	Seg/Sab	21h15	26	74	17	53	30	7	8	0	50	35	2	3	3.552	4.553
Jornal do SBT Noite	Seg/Sex	00h15	19	81	15	19	66	0	0	15	19	66	1	9	1.965	2.595
Hebe	Seg	23h00	27	73	22	71	7	16	13	12	28	31	4	5	7.000	12.250
Esquadrão da Moda	Ter	20h00	36	64	21	62	17	17	9	0	23	51	3	3	4.840	7.330
Cine Espetacular	Ter	23h00	13	87	9	21	70	0	0	0	30	70	1	6	2.320	2.850
Astros	Qua	20h00	42	58	37	47	16	1	18	14	32	35	3	3	4.590	7.740
SBT Repórter	Qua	23h30	38	62	19	48	33	0	0	29	38	33	2	15	3.330	3.570
A Praça é Nossa	Qui	23h00	7	93	57	17	26	4	21	1	31	48	2	3	3.625	4.755
10 Anos Mais Jovem	Sex	20h00	41	59	13	69	17	0	23	0	41	37	4	5	7.320	12.390
Tela de Sucessos	Sex	23h00	15	85	36	21	44	0	27	0	37	36	2	11	3.110	3.760
Chumbo Grosso Sábado	Sab	08h30	37	63	10	55	35	18	37	0	41	4	3	14	5.410	8.010
Show da Gente	Sab	14h15	44	56	5	67	28	11	44	11	24	11	3	7	5.860	9.780
Super Nanny	Sab	20h00	30	70	0	41	59	31	7	0	34	28	2	4	4.230	7.360
Cine Belas Artes	Sab	23h00	34	66	0	51	49	0	0	6	59	35	1	5	1.950	3.460
Pesca Alternativa	Dom	07h00	33	67	21	66	13	4	0	28	32	36	6	28	10.200	14.670
VRUM	Dom	08h00	28	72	24	43	33	10	17	24	20	29	4	16	8.160	13.360
Família Sertaneja	Dom	10h00	26	74	32	21	46	14	33	11	41	1	3	7	5.270	9.420
Verônica Mars	Dom	10h00	28	72	32	22	46	16	35	25	22	2	3	8	4.840	8.490
Kile	Dom	11h00	46	54	13	68	19	17	3	15	48	21	7	17	12.260	17.500
Domingo legal	Dom	12h00	44	56	14	63	22	15	14	3	39	29	6	9	10.630	20.650
Programa Silvio Santos	Dom	17h00	42	58	21	56	23	21	15	2	31	31	6	13	11.560	23.810
8 1/2 no Cinema	Dom	22h00	50	50	4	72	24	11	8	10	67	4	3	8	4.990	5.020
Supernatural	Dom	00h00	61	40	0	0	100	0	0	61	39	0	1	9	2.270	1.090

IA - percentual do total das residências ligadas no horário

PA - participação total da emissora no universo de domicílios ligados no horário

ABS Domiciliar - números de residências ligadas

ABS Individual - participação total da emissora no universo de pessoas assistindo

A Rede Vitoriosa caracteriza o *Programa Linha Dura* como sendo:

*Jornalismo verdadeiramente comunitário. Mais um forte diferencial da TV Vitoriosa. Linha Dura, um programa de utilidade pública, com perfil focado na prestação de serviços, com linguagem simples e informal. Por causa da precariedade das condições de vida, em comunidades mais pobres, os temas mais comuns apresentados no programa são os problemas sociais e de infraestrutura, como lixo, saneamento, água, luz, telefonia, trânsito, obras, entre outros. O Linha Dura fala a linguagem do povo. É solidário. Faz campanhas sociais, acompanha cidadãos em juízo, hospitais e prefeituras. Cobra e exige respostas... A total interatividade com o público, dá ao Linha Dura, o confortável primeiro lugar em audiência, todo início de tarde.*³³

Temos aí uma caracterização do público do programa segundo o IBOPE, mas principalmente se relacionarmos a amostragem de audiência com a caracterização que a emissora faz dos grupos na cidade, almejados pela programação, percebemos uma rotulação do que a classe trabalhadora significa na cidade de Uberlândia, e onde esse meio de comunicação pretende atuar, ou seja, intervir nas “comunidades mais pobres”, suas necessidades são os “problemas mais comuns, ou seja “problemas sociais e de infraestrutura”.

Nesse aspecto, a relação que o programa estabelece com alguns movimentos sociais se faz relevante, pois, percebe-se tanto no programa televisionado quando na efetivação do evento a participação e intervenção de associações de moradores dos bairros nos quais as edições dos eventos acontecem. Esses grupos utilizam do meio para atuarem na cidade. Na matéria referente a realização da 6ª etapa do *Projeto Linha Dura No Seu Bairro*, o presidente da Associação de Moradores do bairro Nossa Senhora das Graças, foi entrevistado pelo apresentador do *Programa Linha Dura*. A reportagem tinha o caráter de divulgação do evento. Este foi articulado com a comemoração dos 38 anos do referido bairro. O entrevistado aproveitou a oportunidade para convidar os moradores para comparecer no evento que aconteceria no próximo domingo, e atentou para a preservação do local, pediu a população para se divertir e não "estragar a praça"³⁴.

³³ REDE VITORIOSA. Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html> . Acesso em: dez/ 2009. [grifos meus]

³⁴ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. (Arquivo pessoal - DVD, nº 29 programa nº 143, 12/06/2009). O evento aconteceu na Pça Coronel Edson Carneiro no bairro Nossa Senhora das Graças, no dia 14 de junho de 2009.

Também temos aí a justificativa da apropriação dos espaços urbanos em Uberlândia, a infra estrutura é discutida como problema social, a partir desta percebemos os embates que são travados na cidade.

O grupo da Rede Vitoriosa, neste aspecto da caracterização do programa é bem evidente quando expõe a aproximação com o POVO, através da linguagem que o programa articula.

Na questão da interatividade, a relação é colocada como público e programa, com base nos índices de audiência. Entretanto, precisamos atentar para esta noção pois, público e televisão supõe passividade ao passo que o discurso legitima a ação do Programa e não dos grupos sociais que interagem. Supõe uma ideia de dádiva. Na Página inicial do site da Rede Vitoriosa percebemos a maneira como a emissora se refere à população expressando esta ideia:

*A TV Vitoriosa foi fundada em 30 de Setembro de 1999; que até então se chamava TV Cancellia quando foi adquirida por um grupo de investidores nos setores de Educação e Telecomunicações. A TV Vitoriosa conta com profissionais que fazem parte da comunicação local, para prestar à comunidade um serviço sério, de qualidade, visando estar sempre ao lado da credibilidade, que faz da Vitoriosa um ícone na produção de programas locais, que não só divertem como informam diariamente à nossa população com nossa própria linguagem, expressando a óptica e sentimento de nosso povo.*³⁵

Evidenciamos assim a configuração de uma linguagem que se diz popular, definida a partir da classe social na qual os telespectadores ocupam. Para Martin-Barbero: *A ideia de povo que gera o movimento romântico vai sofrer ao longo do século XIX uma dissolução completa: pela esquerda, no conceito de **classe social**, e pela direita, no de **massa**.*³⁶

De acordo com Thompon,

*Classe, na tradição marxista é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista.*³⁷

³⁵ REDE VITORIOSA. Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>. Acesso em: dez/ 2009.

³⁶ MARTÍN- BARBERO. J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5 ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 41. (Grifos do autor)

³⁷ THOMPSON, E. P. *Folclore, Antropologia e História Social*. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001, p. 260.

*... uma formação histórica autodefinidora, que homens e mulheres elaboram a partir de sua própria experiência de luta...*³⁸

Isso significa que para considerar a categoria de classe social no processo histórico, precisamos entender enquanto modo como os sujeitos sociais vivenciam a experiência social, transformando os espaços disputados e as relações construídas. Dessa maneira, Thompson abre o conceito de classe, e nos permite investigar as transformações culturais a partir das experiências dos sujeitos reais.

O projeto e o evento

O Projeto *Linha Dura no seu bairro* (ver mapa 1) teve início no dia 01 de junho de 2008. Seu primeiro evento aconteceu no bairro São Jorge. Contando com o apoio de várias empresas prestando diversos serviços para as pessoas ali presentes: cortes de cabelo, maquiagens, exame de visão, além de distribuição de panfletos e amostras grátis dos produtos. Também há entidades públicas: corpo de bombeiros fazendo demonstrações de métodos de salvamento, Polícia Militar com apresentação do treinamento com cães, etc. Órgãos não-governamentais como a APA – clube dos bichos, que doaram vários filhotes de animais domésticos, havia espaços com brinquedos para as crianças, roda de capoeira onde esses grupos se apresentavam, além do palco montado para os Shows.

A localização do evento é de extrema importância, e permite muitas indagações acerca das escolhas por essas ações nos bairros: foi dividida de acordo com a orientação cartográfica da cidade: setores Norte, Sul, Leste e Oeste. Percebi que no ano de 2008, os eventos aconteceram em lugares estratégicos conforme a proposta do *Programa Linha Dura*, por exemplo; o segundo evento foi realizado perto de uma escola, já a quarta edição aconteceu em frente à Associação de moradores do bairro Luizote de Freitas. No decorrer das edições, muitas pessoas foram entrevistadas pela equipe de jornalismo da emissora; indagados acerca de suas opiniões em relação à prestação de serviço promovida pelo *Programa Linha Dura*.

³⁸ THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981, p. 57.

Outros procuravam o apresentador (a fim de fazer distintas solicitações) enquanto os cantores estavam no palco.

A oitava edição do evento contou com a abertura da banda da Polícia Militar: foi a primeira vez ao longo das oito edições que a banda participou. Os shows foram mediados por André Silva (“POTIM”- apresentador do programa Chumbo Grosso e editor das matérias do *Programa Linha Dura*) e Amarildo Maciel (apresentador do programa *Linha Dura*). O evento contou com Shows de artistas locais, serviço de utilidade pública e prestação de serviços. O *Projeto Linha Dura No Seu Bairro* articula estes shows com o programa *Linha Dura*, isso significa que propicia um espaço de divulgação dos cantores e grupos musicais para se inserirem na cidade: serem conhecidos e reconhecidos por seus trabalhos. Isso também contribui para vincular os moradores durante o Domingo, no evento: percebe-se o caráter descontraído ao mesmo tempo em que acontecem diversos embates durante o evento, para começar devemos atentar para os dias nos quais ocorrem as FESTAS: exceto o primeiro evento que aconteceu no mesmo bairro (São Jorge), no dia 1º de junho de 2008, a maioria dos outros eventos aconteceram no último domingo do mês.

Tornou-se ao longo destes oito eventos caráter essencial a Festa: um momento de diversão compartilhado por toda a família, visto que a grande maioria dos moradores estavam presentes com esposas (os), filhos (as), pai, mães e irmãos, compartilhando daquele espaço e dos serviços prestados pelas entidades (comerciais, jurídicas, etc...)

O ponto máximo dos eventos diz respeito aos shows, entretanto, não pode ser desvinculado das várias ações que acontecem naqueles momentos: Mas, torna-se imprescindível evidenciar os sentidos e articulações que a partir dos vínculos sonoros construídos ao longo dos anos na cidade traçam caminhos e se relacionam e interagem em distintos ambientes. Sou forçada a destacar que estes shows assumem um papel essencial na configuração do projeto: não é gratuito que no programa televisionado toda sexta-feira se intitula Sexta Cultural: neste dia há um espaço maior para apresentação de cantores e grupos regionais. Compreendo que essa articulação propicia o deslocamento do *Programa Linha Dura* e da Rede Vitoriosa como um todo, não se reduzindo a uma relação de produção e difusão de imagem e notícia, na relação telespectador/ televisão, vai muito além disso: percebe-se um contato presencial entre estes grupos com os anseios da população, daí a prestação de serviço.

Ao longo de minhas observações, investigar o lazer desses moradores a partir da realização do evento operou uma desconstrução muito cara a mim em relação a maneira pela qual eu compreendia os espaços de *lazer*, que só foi permitida pelo contato com aquelas situações pensando em suas diferenças, semelhanças e os movimentos que ocorreram ali.

São várias coisas acontecendo ao mesmo tempo: se em um determinado lugar daquela rua, praça, ou campo aberto em que se localiza um grupo de jovens conversando, namorando, embriagando, ao lado desse mesmo grupo percebo uma menina com um carrinho de bebe (muito bonito por sinal) caminhando discretamente e recolhendo no chão as latas de cerveja e refrigerante vazias, colocando num compartimento oculto do carrinho. Ao mesmo tempo em que aquelas pessoas estão animadas com o show, no momento em que os apresentadores divulgam o sorteio de vinte pares de sapatos para as primeiras vinte pessoas que chegarem no *standard* detrás do palco, as pessoas correm desesperadas para conseguirem os prêmios.

As crianças ficam muito contentes com os filhotes de cães doados durante o evento. Os sorteios dos brindes são atrativos, mas acredito que eles têm um significado muito importante na caracterização da classe social que estas pessoas ocupam. Considerando que o programa Linha Dura é voltado para ajudar os pobres, dessa maneira estes são vistos a partir da necessidade e colocados em condição de inferioridade no estigma social, pois eles *sempre precisam de ajuda*. Essa relação se mostra através da desigualdade social em um mesmo espaço, articulado com o lazer, aos domingos durante o evento *Linha Dura no Seu Bairro*. A configuração deste se faz mediante os usos do espaço público.

Investigando os significados da rua enquanto espaço público, Caldeira atenta para esta na condição de “elemento central da via pública moderna”. Isso propicia adentrar na importância que a realização de eventos que visam articular lazer e prestação de serviço se apropria da rua para mediar esta interação.

O Projeto Linha Dura no seu bairro cumpre bem este papel, pois, a intervenção na configuração da rua enquanto espaço público mediado pela TV permite estabelecer a relação entre todos os grupos que interagem no programa.

Todos os eventos que aconteceram na rua mantiveram uma organização espacial semelhante (ver figuras 1 e 2), conforme a estrutura da rua ou da avenida. Seguindo uma distribuição hierárquica do espaço, os quiosques foram posicionados da seguinte maneira:

Ao fundo, no final da extensão da rua, uma tenda com brinquedos: cama elástica, piscina de bolinhas e touro mecânico (em algumas edições como por exemplo; a segunda e a terceira), mais a frente no corredor da rua as tendas das respectivas empresas “oferecendo” os serviços, tendas do corpo de bombeiros, advogados e polícia militar ficavam mais próximas ao palco montado na extremidade da extensão da rua, onde os apresentadores dos programas Linha Dura e Chumbo Grosso falavam ao público.

Basicamente podemos visualizar a ordem dos eventos da seguinte maneira:

FIGURA 1

Disposição das estruturas montadas nas edições do evento *Linha Dura no seu bairro- Ruas*

- 1-Palco
- 2-Quiosques e tendas dos "parceiros no projeto"
- 3- Tenda com brinquedos
- 4-Rua

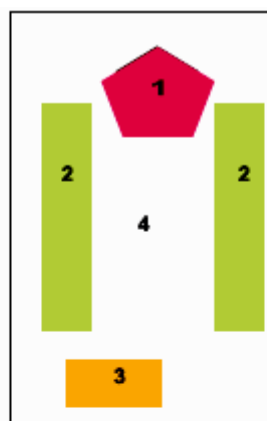
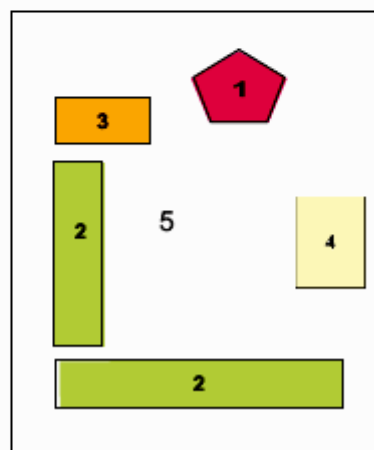


FIGURA 2

Disposição da estrutura montada nas edições do evento *Linha Dura no seu bairro- Praças*

- 1-Palco
- 2-Quiosques e tendas dos "parceiros no projeto"
- 3- Tenda com brinquedos
- 4- Tenda (vaga)
- 5-Praça



Considerando a atuação nos bairros podemos falar que o projeto *Linha Dura no seu bairro* transita por uma *territorialidade itinerante* visto que não se restringe a um bairro específico, perpassa pelos bairros, entretanto, se tomarmos o conjunto da cidade é possível perceber/ investigar de quais maneiras ele se movimenta na cidade.

Nesse sentido, a etnografia levada a sério permite investigar diversas questões nos usos concretos, tecer as conexões entre os espaços como são inter-relacionados uns com os outros e se revelam inicialmente na realização do evento.

A abordagem etnográfica para compreender a cidade em uma rede de relações precisa considerar as modificações dos espaços, daí podemos fazer uma inter-relação com a geografia ao passo que investigamos as configurações dos espaços e os embates sociais. Partindo da investigação nos modos de vida dos grupos periféricos na cidade, esta abordagem oferece subsídios para discutir a cidade. Nesse sentido, o trabalho com a antropologia contribui para pensarmos a inserção do programa na vida cotidiana.

Meu contato inicial com o projeto *Linha Dura no seu bairro* se fez a partir do segundo evento, quando um amigo me convidou para uma roda de capoeira que aconteceria em um evento que ele não sabia o nome, mas que o grupo do qual ele participava estaria ali.

Tratava-se do segundo evento *Linha Dura no seu bairro* que aconteceu no bairro Morumbi. Quando cheguei ao local, confesso o espanto que aquele “monte de gente” me causou, isso me levou a indagar quem estava promovendo aquela ocasião, o espanto maior se deu quando percebi que era o Programa Linha Dura, mais necessariamente a Rede Vitoriosa.

Fiquei me perguntando, como um programa de televisão poderia reunir tanta gente em um domingo? Confesso que este foi o maior espanto inicial que aconteceu, mal sabia eu que a partir desta questão haveria vários desdobramentos. Possivelmente esse espanto sinaliza uma condição para a pesquisa etnográfica, o estranhamento necessário, ressaltando as influências de Malinowski para o estudo etnográfico.

Uma discussão metodológica no campo da antropologia urbana permite traçar investigações nesse sentido, isso não significa que esteja restrito a esse campo, tanto porque a antropologia enquanto uma área de conhecimento se faz obrigatoriamente no diálogo e inter-relações com outras áreas, sendo assim o trabalho no campo da história se justifica a partir desse diálogo. Minha proposta aqui é fazer esta conexão mas de uma maneira invertida; ao invés de pensar a etnografia em diálogo com a história, minha sugestão inicial baseia-se em pensar a história em diálogo com a etnografia.

Os estudos de Antropologia perpassam uma trajetória que nos primórdios da investigação antropológica na condição de estudo sistematizado em fins do século XIX pautava principalmente no estranhamento, a oposição entre o “civilizado” e o “selvagem”

fazia parte de suas premissas, por outro lado, os estudos baseados nas teorias darwinistas buscavam na unicidade das espécies como uma origem comum distinguir e compreender as diferenças entre os povos.

Entretanto, as consequências destas distinções culminaram no nivelamento desigual da evolução humana. Segundo Magnani,

*Tais diferenças foram consideradas sinais de estágios sucessivos num processo evolutivo único: enquanto alguns povos evoluíram rumo a patamares mais elevados, outros teriam permanecido nas primeiras etapas, presos a sistemas religiosos, princípios morais, meios técnicos e atividades econômicas – formas culturais, em suma – mais simples, atrasadas, primitivas.*³⁹

Conforme o autor defende acima, estes nivelamentos são construções, o diferente não é o atrasado. Mas, a relevância desta discussão se faz pela necessidade de justificar a questão da diversidade cultural com a qual estas perspectivas se relacionam. Não obstante, é necessário considerar as possibilidades que os estudos etnográficos oferecem quando trabalhamos com os fazeres e organizações sociais, visto que:

*... não é o lado supostamente exótico de práticas ou costumes o que chama a atenção da antropologia: trata-se de experiências humanas, e o interesse em conhecê-las reside no fato de constituírem arranjos diferentes, particulares – e, para o observador de fora, inesperados – de temas e questões mais gerais a toda a humanidade.*⁴⁰

Eis alguns pontos de aproximação e distanciamento entre a Antropologia e a História Social, os quais precisamos explicitar:

Thompson nos chama atenção para alguns cuidados que o historiador precisa ter ao lidar com a antropologia, uma vez que não podemos nos esquecer de traçar caminhos que dialoguem, mas torna-se necessário assumir posições enquanto historiadores e construir caminhos de volta para a história, visto que a formação desta área do conhecimento também possui especificidades, em outras palavras não podemos esquecer-nos de onde falamos. Nesse sentido, Thompson afirma que:

Supõe-se algumas vezes que a antropologia possa fazer descobertas não apenas acerca de sociedades particulares, mas sobre as sociedades em geral, que funções ou estruturas básicas tenham sido reveladas e que, por mais sofisticadas ou disfarçadas que possam estar nas sociedades modernas, ainda fundamentem as formas modernas.

³⁹MAGNANI, José G.C. Quando o Campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme. C; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000, p.16-17.

⁴⁰Idem, Ibidem, p. 20-21. (Grifos meus)

Entretanto, a história é uma disciplina do contexto e do processo: todo significado é um significado dentro de um contexto...⁴¹

Este trecho é significativo em relação a posição assumida por Magnani ao defender o trabalho do antropólogo em constituir a partir das experiências “temas e questões mais gerais a toda humanidade”. Diferentemente da antropologia, conforme Thompson defende acima, para o historiador, é necessário considerar o contexto e o processo histórico, não para tomá-los enquanto fatos isolados, mas para investigar os movimentos no processo.

Outra questão importante refere à posição do observador de fora: já mencionei anteriormente a relevância do estranhamento na etnografia extremamente necessário, mas por outro lado, faço uma ressalva à exteriorização no contato com os modos de vida.

Em 1978, o etnógrafo Darcy Ribeiro em *Sobre o óbvio*⁴² nos chamava atenção para a importância que precisamos atribuir aos elementos que consideramos como dados por serem tão próximos a nós, portanto, óbvios que nos acostumamos ao ponto de menosprezá-los.

Dessa forma, me coloco enquanto observadora, mas a partir de uma configuração que não é exterior a mim, entretanto, ao aprofundar as investigações descobrimos várias outras: muitos grupos distintos onde um olhar superficial homogeneizaria, perderia suas especificidades, tais como as divergências e disputas que evidencio a partir destas.

Não são simplesmente diferenças de grupos, mas por outro lado, as distinções destes grupos marcam posicionamentos e participam de um confronto que não está visível, ao passo que é tão real e concreto, mesmo por suas omissões, pois são capazes de modificarem os espaços na cidade; e para além disso, construir outros espaços, tão presentes e óbvios que muitas vezes não percebemos.

O espaço mapeado pelo Programa Linha Dura

Sem subestimar outras dimensões da vida cotidiana, mas destacando uma imprescindível para análise da inserção dos meios de comunicação nas vidas dos moradores

⁴¹ THOMPSON, E.P. Folclore, Antropologia e História Social. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001, p.243. (Grifos meus)

⁴² RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. *Revista Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, nº1, p. 9-22, 1978.

pobres na cidade de Uberlândia, destaco o *lazer* enquanto “locus” da discussão a respeito das transformações culturais nos modos de vida destas pessoas.

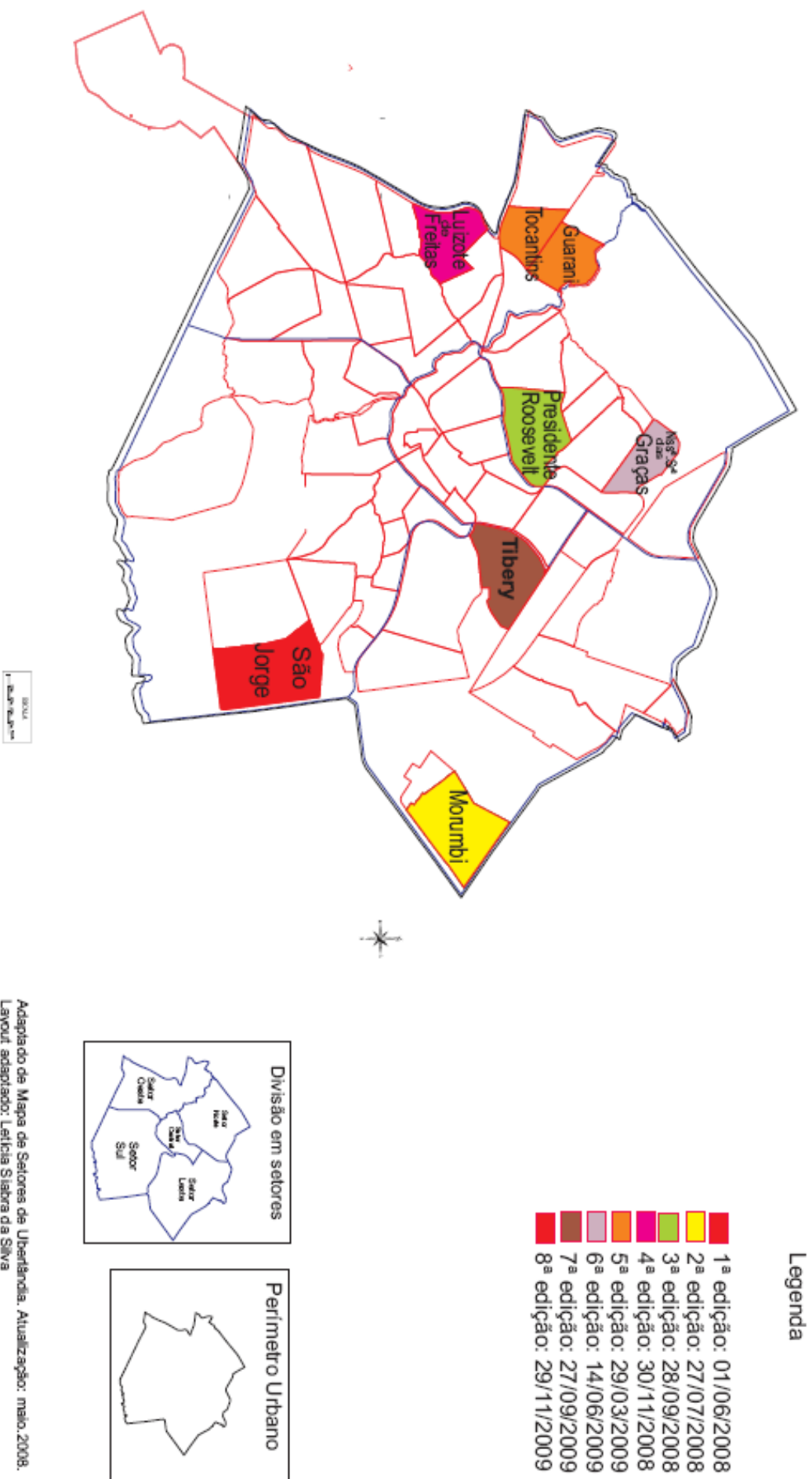
Cria-se todo um ambiente propício a descontração ao passo que articula certa “reeducação” das classes populares aliada à prestação de serviço e por ultimo, mas não menos importante: a propaganda publicitária.

Minha proposta com esta discussão é desconstruir estes elementos com a finalidade de evidenciar outras intenções e estratégias que no programa televisionado de segunda a sexta-feiras não se mostram; e também, nos eventos que aconteceram habitualmente não permitiram aparentemente perceber com profundidade.

O mapa 1 permite visualizar a disposição dos bairros onde ocorreram as edições do evento Linha Dura no Seu Bairro ao longo dos anos de 2008 e 2009. O traçado dos limites dos bairros foi apropriado do Mapa de Setores de Uberlândia, portanto, o desenho do alcance destes bairros em relação ao perímetro urbano se manteve, dessa forma os espaços vazios que podemos ver no mapa, localizados ao lado dos bairros onde ocorreram os eventos sugere que não exista bairros próximos a estes.

Entretanto, em minhas observações no momento em que os eventos foram realizados percebi que várias pessoas moradoras nestas proximidades estavam presentes, uma vez que estes eventos aconteciam em lugares de fácil localização e fronteiriços entre um bairro e outro. Como por exemplo; a quinta edição realizado na extensão final de uma avenida que perpassa os bairros Tocantins e Guarani.

MAPA 1 - BAIRROS ONDE OCORRERAM AS EDIÇÕES DO PROJETO LINHA DURA NO SEU BAIRRO (2008 e 2009)



Adaptado de Mapa de Setores de Uberlândia. Atualização: maio, 2008.
Layout adaptado: Letícia Siabra da Silva

Nesse sentido, o mapa 1, permite relacionar as estratégias de localização do evento, e intenções de atuação dos projetos movimentados pelos meios de comunicação na cidade, mas sobretudo, a partir de uma configuração do espaço que legitima a segregação espacial na cidade, pois, pensando no desenho da cidade, e as apropriações pelos projetos imbuídos neste desenho, torna intrigante questionar o traçado dos limites territoriais, e as omissões por determinados bairros colocados “à margem” nos dados estatísticos da Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, e que também não aparece no Mapa de Planejamento Urbano

Dessa maneira, a questão da segregação espacial abre possibilidades para buscar os confrontos que são travados por estes grupos na cidade de Uberlândia. Mas, sobretudo, porque revela o mapa enquanto construído através de intenções divergentes para a cidade, expressando relações de poder nos projetos em disputa pelo espaço urbano.

Capítulo 2

Desmontando a Cidade: a segregação espacial e os projetos em disputa pelo espaço urbano

2.1- Pobreza, violência e criminalidade

Um ponto interessante que chamou atenção em relação à questão da pobreza e das ações da Prefeitura para “sanar os problemas” dos pobres na cidade buscou na realização de projetos como o Linha Dura no seu bairro a justificativa e a oportunidade para “mostrar serviço”.

O Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia trouxe a seguinte matéria: *Prefeitura desenvolve ações no bairro Tocantins; o evento acontece na avenida Taylor Silva ao lado do Lar*. O título é bastante significativo quando a intenção por parte da prefeitura é se colocar enquanto atuante:

*Neste domingo, dia 29, moradores do bairro Tocantins e região vão ter acesso a diversos serviços oferecidos pela Prefeitura de Uberlândia. As ações serão desenvolvidas durante a 5ª Edição do Projeto Linha Dura no seu bairro, da TV Vitoriosa*⁴³.

O texto descreve os serviços que seriam oferecidos pela prefeitura durante o evento, apresenta os órgãos da prefeitura responsáveis por cada tipo de serviço: a Secretaria Municipal de Saúde desenvolveria um trabalho “educativo” de conscientização a respeito do “sexo seguro”, com distribuição de preservativos, testes para diagnosticar doenças sexualmente transmissíveis e vacinação contra Rubéola.

Quanto à questão do saneamento básico e preservação ambiental, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, também exerceria a proposta de educação ambiental e distribuição de mudas de plantas. Já a Defesa Civil orientaria a população a respeito dos procedimentos que os moradores deveriam tomar em “dias de chuva forte”.

⁴³ PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA [sexta-feira, 27 de março, 2009]. Prefeitura desenvolve ações no bairro Tocantins neste domingo. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=3039> Acesso em: 04/05/2009

Com relação à diversão, foram descritas as atrações artísticas e brinquedos que haveria no local, entretanto, nenhuma entidade foi nomeada quanto a responsabilidade pela “diversão”.

No dia 30 de março, a prefeitura lança outra matéria a respeito do assunto, intitulada *Prefeitura de Uberlândia leva serviços a população da região do bairro Tocantins*⁴⁴. Novamente retoma as especificações de cada secretaria municipal e suas ações respectivamente desenvolvidas. O diferencial nesta matéria foi a fala do Secretário de Comunicação Neivaldo Silva: *Através de eventos como esse, podemos divulgar as ações da Prefeitura e atender melhor a população.*

Em relação à diversão, desta vez a TV Vitoriosa foi nomeada quanto a responsabilidade pelos brinquedos e atrações artísticas. O conflito está na medida em que a TV neste sentido é vista como o espaço do entretenimento, pois, nesta concepção, quem realiza a “prestação de serviços” é a prefeitura.

Sobre o fato de a prefeitura em relação aos demais bairros na cidade, percebemos que essa mesma Secretaria de Serviços Urbanos atua conforme o que é visível no mapa de Setores da cidade e no Plano Diretor. Quanto à isso nenhum problema; o detalhe é que estes se fazem a partir da segregação espacial o que não é visível no mapa e não está integrado é como se não existisse.

Pesquisando o jornal O Correio de Uberlândia, percebi a omissão por parte do grupo dominante no jornal dos outros veículos de comunicação, uma vez que não foi encontrada informações sobre outras redes de televisão com a programação local, nem mesmo outros meios de comunicação impressos, podemos dizer que existe uma intenção quanto ao posicionamento do grupo editorial do jornal em se colocar na condição de veículo (no singular) de comunicação da cidade.

A partir da investigação do jornal, é possível confrontar as memórias em disputas sobre a cidade, por exemplo, ao longo dos anos de 2008 e 2009, o grupo editorial do jornal dedicou atenção especial para a questão da configuração do espaço urbano em Uberlândia, a partir do ordenamento e integração dos bairros nos setores da cidade. Estas matérias compõem o caderno *Cidade*, tal caderno conforme o nome; se dedica as reportagens referentes à cidade de Uberlândia.

⁴⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA [2009segunda-feira, 30 de março, 2009]. Prefeitura de Uberlândia leva serviços a população da região do bairro Tocantins. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=3039> Acesso em: 04/05/2009.

Em *Sobre história: imprensa e memória* a historiadora Marta Emísia Jacinto Barbosa dialogando com Sarlo, nos chama atenção para investigar os “domínios que produzem memória” questionando as nossas posições enquanto historiadores:

É preciso pensar os “domínios” que produzem memória. Nesse sentido, não só jornais devem ser pensados como “senhores”, que articulam campos de poder e de memória, e que precisam ser tornados visíveis, mas toda a rede midiática que converge força para determinar parâmetros para a vida social. Em que medida, também, não seria necessário sermos “implacáveis com os materiais que lemos e que constituímos fontes para nossos estudos? Segurar a câmera e centralizar nos detalhes, no quase “imperceptível” implicaria quais transformações em nossas maneiras de investigar e interpretar?”⁴⁵

Ao investigar o jornal enquanto fonte torna-se necessário atentar para o ordenamento gráfico do jornal como um todo, nesse sentido, as matérias específicas da constituição dos bairros não se colocam de forma isolada, compõe uma lógica da produção do jornal, e para, além disso, participa das disputas dos grupos nos quais vinculam e/ ou são vinculados.

Vale ressaltar que as matérias relativas aos bairros considerados pelo jornal como sendo periféricos disputam espaços com as notícias dispostas nas chamadas intituladas “Violência”, esse conjunto de reportagens que buscavam “relembrar a memória da cidade” apresentavam entrevistas de distintos moradores, contudo, um ponto intrigante diz respeito à quantidade de falas de “donas de casa” a respeito da “história daquele bairro”.

Na chamada intitulada problemas, o subtítulo “falta de lazer leva os jovens a formar gangues”, o jornal apresenta enquanto problemas para o bairro São Jorge, a falta de espaço de lazer para que os jovens tenham uma ocupação. De acordo com a matéria, a questão da violência no bairro está estritamente ligada com essa premissa. O jornal busca nas falas dos moradores a justificativa para o argumento, nesse sentido, a fala do presidente da Associação de Moradores do referido bairro assume um papel central, enquanto autoridade que legitima a fala do jornal:

*Para o presidente da Associação ... os dois principais problemas enfrentados pela região estão relacionados entre si. Segundo ele, a falta de opções de lazer para os jovens acaba sendo um estímulo à violência.*⁴⁶

⁴⁵ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. . Sobre história: imprensa e memória. In: FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de.. (Org.). *Outras histórias: memória e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p.268.

⁴⁶ PROBLEMAS- Falta de lazer leva os jovens a formar gangues .*Jornal Correio de Uberlândia*. 01/ 02/ 2009. Caderno: Cidade, p. B3.

No jornal, as entrevistas são colocadas para reafirmar a ideia central defendida pelo “Correio de Uberlândia”, como se deu a “origem do bairro”.

Por exemplo: na matéria intitulada *Bairro Nasceu Dentro Do Programa Habitacional*⁴⁷ se referindo ao bairro São Jorge, diz o seguinte:

Em 1983, quando a região do São Jorge começou a ser povoada, o ex-prefeito Zaire Rezende cumpria o seu primeiro ano de mandato. Ele [Zaire Rezende] afirma que tanto o São Jorge quanto os bairros Maravilha, Esperança e Tocantins foram criados com o mesmo objetivo: acabar com as favelas que ocupavam as margens do rio Uberabinha, parte da avenida Rondon Pacheco e a borda da Ferrovia Paulista.

O jornal utiliza da fala (citada indiretamente- sem aspas) do ex- prefeito para legitimar a finalidade da construção dos bairros supracitados vinculando a necessidade de *extinguir as favelas* ao passo que articula com a efetivação do projeto Casa Fácil.

Entretanto, o “resgatar” a história do bairro nesta matéria, coloca o mesmo na condição de passados memoráveis com o sentido estanque. As falas dos moradores são articuladas para defender esta hipótese. O bairro enquanto periferia é definido em relação ao centro. Dessa maneira outras matérias ao longo do ano articulam esta questão periferia//centro em termos de espaços físicos. (na matéria do dia 05/ 04/ 2009- um conjunto de reportagens relativas ao bairro Luizote de Freitas prioriza esta questão, ao buscar nas falas dos moradores – principalmente donas de casa – a legitimação de que o Luizote é tão afastado do centro e possui tantos comércios que as pessoas não precisam se deslocarem para o centro da cidade)

Investigando a disposição das matérias no corpo da página do jornal *Correio de Uberlândia*, uma questão intrigante se fez na medida em que o jornal buscava ressaltar as melhorias em relação à segurança nos bairros da cidade de Uberlândia, a partir dos projetos da polícia militar, em relação as futuras gerações, entretanto, se não isolarmos a matéria diante do corpo da página, percebe-se a construção de um estereotipo acerca da violência na cidade, a partir de determinados bairros estigmatizados enquanto periferia, nesta associação pobreza/ periferia/ violência:

⁴⁷ BAIRRO NASCEU DENTRO DO PROGRAMA HABITACIONAL. *Jornal Correio de Uberlândia*. 01/ 02/ 2009. Caderno: Cidade, p. B2.

Por exemplo no caderno cidade/ segurança, uma matéria me chamou atenção em relação ao bairro Lagoinha: supondo a discussão a respeito de cidadania, a matéria trazia a seguinte chamada: “Cinema muda cotidiano de escola no Lagoinha”, a reportagem discutia a implantação de um projeto da polícia militar no ano de 2007 na escola Estadual Felisberto Carrejo, no referido bairro, o projeto foi premiado internacionalmente, e o que sugere é a redução da criminalidade no bairro. Segundo o jornal;

*Hoje, graças aos projetos desenvolvidos no bairro com o apoio de diversas entidades públicas e privadas, a Escola Estadual Felisberto Carrejo está conseguindo modificar o antigo cenário de alto índice de violência, que era registrado pela polícia no bairro Lagoinha*⁴⁸

Quanto à matéria, situada no bloco a respeito de cidadania, apresenta um aspecto positivo, ao expor que os projetos implementados no bairro são capazes de mudar a realidade do local. Entretanto no conjunto da página B3, esta matéria divide espaço com mais quatro reportagens duas referentes a perseguições policiais (crimes de tráfico de drogas e latrocínio), outra referente a um crime de homicídio (bairro Jardim Canaã) e a última porte ilegal de arma (metralhadora no bairro Planalto).

Se considerarmos o aspecto da página como um todo percebemos a predominância de um estereótipo sobre criminalidade e pobreza. A fala do crime associada a periferia na cidade predomina no jornal.

Nesse sentido, o trabalho de Carlos Menezes⁴⁹ torna-se importante na medida em que o autor argumenta que o trabalho com jornais possibilitou a ele

perceber como os interesses dos grupos que representavam se fizeram presentes na disputa social e na defesa de seus projetos para a cidade, os quais vislumbravam a dominação de classe, onde frações da classe dirigente tinham como meta a permanência da dominação, mas também a aceitação pelos demais grupos sociais dos projetos de cidade que defendiam, sendo que estes projetos sustentavam

⁴⁸ CIDADE/SEGURANÇA- Cinema muda cotidiano de escola no Lagoinha. *Jornal Correio de Uberlândia*. 16/05/2009, p. B3.

⁴⁹ No seu trabalho, Carlos Menezes aponta seus objetivos em ...*perceber como que na Uberlândia dos anos 80, governada pela oposição peemedebista, personificada em Zaire Rezende, foi construída/ sustentada a dominação de classe, esta vivida em meio a oposições, expectativas e indiferenças, em torno da Proposta de Participação Popular*. (SANTOS, p.13). Não obstante, para tais discussões, o autor traz várias outras, e abre possibilidades para pensarmos nos sentidos construídos por determinados segmentos da sociedade em relação à pobreza, assim como estes sentidos se revelam enquanto estratégias para que os projetos de tais grupos sejam efetivados. Ver: SANTOS, Carlos Meneses Sousa. *Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980 - Experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. (Monografia)Uberlândia, 2006.

*interesses, que apesar de classistas, deveriam ser entendidos como sendo „interesses de toda sociedade“.*⁵⁰

Isso permite indagar como estes grupos se organizam, entram em conflitos, mas buscam efetivar os seus projetos de sociedade e imputá-los como se eles fossem geral a toda a sociedade quando na verdade são projetos de grupos específicos. A maneira pela qual esta imputação se efetiva, me leva a pensar nas construções de memórias dominantes.

O autor apresenta a fala de uma moradora do bairro Nossa Senhora das Graças e a maneira como era as condições de sobrevivência quando ela chegou ao referido bairro. Segundo a entrevistada,

*... quando a gente chegou aqui... isso aqui era um lugar muito difícil. Buraco? Meu deuzo! Que coisa feia, que trem absurdo... Eles chamavam a televisão pra vim filmar os buraco, o povo vinha filmava. Depois passava aquela feiúra na televisão, que vergonha (risos)...*⁵¹

A este respeito, o autor argumenta que, *[Dona Joaquina Aparecida Moreira] Em seu lugar social conviveu com a humilhação de sua condição de pobreza exibida na emissora local de televisão...*⁵²

O autor situa o conflito vivenciado pela moradora na década de 1980, entretanto, percebemos na fala da entrevistada que esse sentimento de vergonha pela exposição através dos meios de comunicação na cidade, de sua condição de pobreza, traz um aspecto presente no sentido de que a exposição da pobreza é humilhante independente da temporalidade. O relembrar a condição de vida, mesmo que esta já não seja aquela condição dos inícios da década de 80, de qualquer forma, traz o estigma da humilhação.

Isso permite pensar em como a exposição da pobreza nos meios de comunicação segrega espaços, e, aos poucos, se solidifica e pode produzir preconceitos pelo lugar onde as pessoas vivem, seja a partir da imagem da pobreza que inferioriza, seja pelo estereótipo da violência nessa relação.

⁵⁰ SANTOS, Carlos Meneses Sousa. *Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980 - Experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. (Monografia)Uberlândia, 2006, p. 17

⁵¹ Fala de Dona Joaquina Aparecida Moreira, entrevistada pelo autor em abril de 2005. Ver: SANTOS, Carlos Meneses Sousa. *Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980 - Experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. (Monografia)Uberlândia, 2006, p25.

⁵² Idem, p. 25.

Na matéria de comemoração do Bairro Esperança durante o ano de 2009, com a chamada “Endereço perigoso”, uma reportagem chamou atenção, na medida em que trazia a fala de um morador, evidenciando o preconceito que as pessoas tem pelo local onde moram, na chamada intitulada Vergonha, o subtítulo da matéria *No currículo, o nome do bairro é sempre omitido* A reportagem traz a fala do entrevistado:

*Em qualquer lugar, quando a gente diz de verdade onde mora, a reação das pessoas é instantânea, já olham diferente, pensam que aqui só tem bandido...*⁵³

Caldeira atenta para os estereótipos que a “fala do crime” constrói quando almeja legitimar a segregação espacial, justificar preconceitos e discriminação social, visto que naturaliza e formata pobreza, violência e criminalidade em um protótipo homogeneizador. Isto encobre as reais intenções que permeiam as reproduções do discurso sobre criminalidade. Podemos falar que se cria uma memória da pobreza aliada à “bandidagem”.

Nesse sentido é possível investigar de quais maneiras essa memória da pobreza é alimentada no cotidiano das classes populares. Para isso, o espaço midiático se revela extremamente importante, pois também participa desta construção.

A análise do jornal Correio de Uberlândia, em relação ao que o grupo editorial considerou como a história da criação dos bairros, percebemos esta “fala do crime” enquanto elemento para combater, portanto a criação dos conjuntos habitacionais, na década de 1980, vê nesta fala a justificativa para legitimar as transformações no espaço urbano.

Em *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais* a historiadora Máucia Vieira dos Reis nos chama atenção para tais projetos na década de 1980, que envolveram a cidade de Uberlândia⁵⁴,

Máucia Vieira dos Reis evidencia a construção dos conjuntos habitacionais em fins da década de 1980 início de 1990 a partir da relação centro- periferia. Periferia neste sentido se refere inicialmente a uma questão espacial bem delimitada, reivindicação de inserção no meio social, uma vez que os espaços físicos expressam o afastamento e exclusão dos moradores do Segismundo Pereira em relação as dinâmicas sociais na cidade:

⁵³ VERGONHA- No currículo, o nome do bairro é sempre omitido. *Jornal Correio de Uberlândia*. 10/05/2009. Caderno: Cidade, p. B3

⁵⁴ A autora reflete sobre o sonho da casa própria que envolveu a população uberlandense no período, nos bairros Segismundo Pereira e Santa Luzia a partir dos projetos dos Conjuntos Habitacionais. Ver: REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia –anos 1980-1990)* Dissertação Mestrado, Uberlândia, 2003.

À medida que nos debruçamos nos caminhos feitos pelos entrevistados na sua busca por moradia, percebemos que este desejo (ter casa) perpassa o limite de propriedade e ancora-se na necessidade, talvez, de se sentirem aceitos no meio social em que vivem. Eles deixam entrever nas histórias de vida que a rotatividade em busca do aluguel, a migração, os laços de solidariedade (dos parentes ou amigos em permitir moradias a outrem) não garantem, por si só, a permanência deles nesta cidade como pessoa, sujeito, cidadão.⁵⁵

A autora aborda uma questão importante para analisar as relações de exclusão dos moradores e as lutas pelo pertencimento à cidade, uma vez que os espaços físicos onde ocupam, demonstram as relações de poder, nos conflitos pelo morar, de forma estratificada na classe social, ao mesmo tempo em que – conforme Máucia dos Reis atenta – existe a necessidade de ser aceito no meio social.

Se até a década de 1990 podíamos falar em periferia enquanto um espaço físico e social bem estratificado, a partir dos anos 2000 já não podemos trabalhar nestes termos, uma vez que a periferia enquanto espaço físico se mistura e torna complexa as relações entre periferias, o que era subúrbio na década de 80 se transforma em subcentro, ou para melhor dizer, é transformado em subcentro através dos projetos de reordenamento espacial, mas a memória da periferia associada à pobreza, violência e exclusão social perdura e se solidifica cada vez mais, principalmente se levarmos em conta os meios de comunicação na cidade.

Abordando a relação centro/periferia/pobreza, a autora nos remete para o ano de 2002 quando um outro expoente de periferia toma dimensões consideráveis na cidade. Segundo Reis,

....o bairro Morumbi, situado em um outro expoente da periferia de Uberlândia, apresenta uma ocupação dos seus arredores por centena de famílias sem teto. Nesse fazer-se, o cerrado é arrancado, e na terra vermelha, barracos cobertos por lona preta, papelões restos de telha Eternit equilibram-se sobre toscas madeiras.⁵⁶

Considerando o discurso da prefeitura aliado às construções do jornal O correio, ambos caminham para um direcionamento onde em Uberlândia, a cidade cresceu e não existe periferia, e sim subcentros.

Talvez na década de 80 com a criação “repentina” dos projetos habitacionais, o discurso de combate às favelas poderiam até existirem, mas, com a criação dos subcentros, estas entidades objetivam construir a imagem de que isso é “coisa do passado”.

Mudam as falas, maqueiam os mapas e acredita-se que os problemas ficaram para trás, juntamente com a sensação de nostalgia construída pelo jornal.

⁵⁵ REIS, op. cit. p. 48. (Grifos da autora).

⁵⁶ REIS, op. cit. p. 112. (Grifos da autora).

2.2-Da periferia para os subcentros: a fala do reordenamento territorial

Em *A (Re)Estruturação do Espaço Urbano de Uberlândia-MG: Uma Análise a partir dos Processos de Centralização e Descentralização*, os autores analisam a partir de um estudo geográfico a constituição e desterritorialização dos centros na cidade de Uberlândia, se por um lado presenciamos a descentralização do que se considera como centro, por outro cria-se vários subcentros na cidade. De acordo com o estudo feito pelos autores

*As novas centralidades também são reflexos, ao mesmo tempo, que revelam a segregação sócio-espacial, visto que, a acessibilidade às mesmas é diferenciada dependendo dos grupos sociais.*⁵⁷

Continua,

*O plano diretor da cidade de Uberlândia estabelece em seu capítulo V, seção I, artigo 20, referente ao uso e ocupação do solo do espaço urbano dessa cidade, que são subcentros os bairros: Luizote de Freitas, Tibery, Planalto, São Jorge, Santa Mônica, Santa Luzia, Tubalina e Presidente Roosevelt. No entanto, após estudos bibliográficos que embasaram os trabalhos de campo, identificou-se como subcentros os bairros: Luizote de Freitas/Jardim Patricia, Santa Mônica, Planalto, São Jorge/Granada e Presidente Roosevelt...*⁵⁸

Embora a fala da construção dos subcentros em Uberlândia coloque a questão do ponto de vista comercial, na medida em que tais setores sejam criados para atenderem a uma demanda de bens de consumo e serviço, percebemos que existe um direcionamento para estes locais em todos os aspectos da organização social na cidade, pois, na medida em que estes pontos recebem maior atenção quanto à estrutura e dinamicidade, os outros bairros que estão em volta, sofrem alterações significativas, na estrutura espacial e na dinâmica social.

No mês de setembro de 2009, percebemos uma articulação no jornal Correio de Uberlândia quanto a realização do *Projeto Minha Casa Minha Vida*⁵⁹ na cidade de Uberlândia. Não obstante, o caderno no qual são vinculadas as reportagens e matérias

⁵⁷ ALVES, Lidiane Aparecida; FILHO, Vitor Ribeiro. A (Re) Estruturação do Espaço Urbano de Uberlândia-MG: Uma Análise a partir dos Processos de Centralização e Descentralização. In: *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.1, n.1, jan. 2009.p. 182.

⁵⁸ Idem, p. 179.

⁵⁹ Projeto do Governo Federal implantado no ano de 2009, incorporado no Plano de Habitação, com financiamento integral para a construção de casas para família que ganham até três salários mínimos mensais, e financiamento parcial para aquelas famílias que recebem entre três e dez salários mínimos mensais. Em Uberlândia iniciou as construções nos seguintes bairros: Chácara Tubalina, Shopping Park e Seringueiras, setor sul. Ver: PROJETO MINHA CASA, MINHA VIDA. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/ministerio-das-cidades/arquivos-e-imagens-oculto/Apresentacao25309.pdf> Acesso em: Jan./2010.

relativas ao projeto já não apresenta somente o título *Cidade*, mas *Cidade e Região*, novamente tocando na questão do “sonho da casa própria” percebemos um movimento de reordenamento de ressignificação dos espaços na cidade: a ampliação do setor sul, a valorização dos imóveis próximos, e a criação de loteamentos com iluminação, asfalto e saneamento básico indica as intenções de reordenamento dos espaços, trazem um discurso de combate a pobreza e a violência, por outro lado a disposição das matérias em *Cidade e Região* com os crimes que ocorrem na cidade principalmente nos bairros próximos onde serão efetivados estes projetos apontam para a criação de uma memória acerca da violência associada a pobreza na cidade, ao mesmo tempo em que direcionam para a implementação destes projetos a solução destes “problemas”.

O que torna bastante intrigante na análise do jornal como um todo é exatamente a disposição de determinadas matérias de acordo com os cadernos correspondentes, fico me perguntando como elas se comunicam ou não na configuração do jornal como um todo, e quais as intenções que permeiam esta disposição: em certo momento somos levados a acreditar que só existe violência e pobreza na cidade de Uberlândia, esta não faz parte do restante do país, pois, em *Brasil e Mundo*, as questões são de ordem política e econômica.

Olhando por outro ângulo questionando as localizações destas matérias, evidenciamos o caráter de seleção que o jornal faz, e também podemos questionar a seleção que o pesquisador faz ao trabalhar com o jornal enquanto fonte. Conforme Cruz e Peixoto nos chamam atenção:

*Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final.*⁶⁰

Desta maneira, os lugares em que cada matéria ocupa no espaço da página do jornal permitem compreender os mecanismos e redes de interesses forjados. Fico me perguntando sobre a insistência na assimilação do Projeto do Governo Federal no Plano de Habitação da Prefeitura, e a insistência no jornal *Correio de Uberlândia* enquanto veículo de “divulgação” deste.

⁶⁰ Ver: CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo, n° 35, dez/ 2007, p. 262.

2.3- O espaço que articula territórios: o espaço público

Em *No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa*, a historiadora Heloísa de Faria Cruz chama atenção para a maneira como os meios de comunicação “falam” a respeito de si mesmos, determinando e/ ou ocultando marcos de memórias. A autora questiona os silenciamentos nas comemorações do bicentenário da imprensa no Brasil ao passo que a grande mídia insistiu no “rememorar” a “Abertura dos Portos, da Vinda da Família Real e dos 100 anos da Imigração Japonesa”⁶¹ no decorrer do ano de 2008.

Por outro lado, o investimento nos 200 anos da imprensa não se fez tão enfático quanto os marcos citados acima. Nas “rememorações” a respeito da Imprensa, os debates giraram em torno dos “passados memoráveis” em uma relação harmônica entre Nação e História da Nação.

Segundo Cruz, diante das omissões de posicionamentos dessa grande mídia, as questões de fundo do fazer da comunicação não foram aludidas:

*...Nada, enfim, sobre as questões centrais postas para a sociedade brasileira em torno do poder dos conglomerados de comunicação, da privatização das concessões públicas dos meios e do atrofiamento do espaço público e democrático na contemporaneidade.*⁶²

A discussão da autora na relação entre imprensa e memória englobando os meios de comunicação, é importante neste trabalho, para pensarmos nos usos deste espaço público “atrofiado”. Trago esta discussão para o centro do debate a partir da vida cotidiana.

Nesse sentido os projetos de reordenamento territorial e os estereótipos que são construídos em relação à pobreza e criminalidade em Uberlândia, encontram nos espaços públicos legitimação, mas também, o espaço público torna-se ambiente propício para os confrontos diante destes projetos e memórias estereotipadas sobre a violência na cidade de Uberlândia.

⁶¹ CRUZ, Heloísa de Faria. *No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa*. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia (39): jul.dez.2008, p. 16.

⁶² Idem, p. 21.

Percebo que nestes diversos segmentos do espaço público, é possível visualizar os movimentos na cidade diante dos projetos que demandam posições políticas na organização social.

Vale ressaltar que diante de projetos como o *Linha Dura No Seu Bairro*, a centralidade da rua enquanto espaço público, toma uma dimensão ampla na medida em que torna-se um dos elementos principais para que as intenções destes grupos se revelem, por exemplo, percebemos durante a realização dos eventos a busca por uma determinada educação das classes populares na cidade, através dos espaços midiáticos, neste caso o programa linha dura,

A partir do momento em que existe o deslocamento do programa, de um lugar formatado como a televisão para ter um contato direto e presencial, a noção de aproximar do telespectador e atuar junto com outros grupos na cidade, e acima de tudo, junto à população, este espaço da rua, permite a confluência de tais fatores e principalmente, propicia a articulação da atuação social: tanto a sociedade civil quanto estes grupos específicos,

Habermas em *Sociedade civil e a esfera política pública* expõe que na sociedade de Estado Liberal de Direito democrático, ocorre o falseamento das deliberações públicas e políticas da sociedade civil; a democracia representativa pautada na racionalidade técnica administrativa, delega aos indivíduos o direito de escolha de seus representantes e atuantes no discurso público.

O falseamento pauta nos dizeres da coletividade transportados para as instituições, pois, na figura da instituição que representa determinadas posições, é que legitima o que será válido ou não na esfera pública terá ou não a chamada credibilidade.

Investigando os significados da imprensa enquanto uma dessas instituições, em *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, o autor aponta os sentidos na formação da opinião pública no âmbito do espaço público que a mídia atribui na organização social.

Segundo Habermas,

Desde que as próprias instituições jornalístico-publicitárias se tornaram um poder social que se adequa ao gesto de privilegiar ou de boicotar os interesses privados que afluem à esfera pública, adequando-se também à mediatização de todas as opiniões meramente individuais, então a formação de uma opinião pública em sentido estrito não é garantida efetivamente pelo fato de que qualquer um poderia

*expressar livremente a sua opinião e fundar um jornal. O público não é mais um público de pessoas formal e materialmente com os mesmos direitos.*⁶³

Se considerarmos a estrutura dos meios de comunicação como um todo, percebemos esta desigualdade de representatividade no espaço público, entretanto, analisar a questão somente a partir das estruturas de legitimação incorre no risco da generalização e exclusão dos sujeitos que participam destes grupos e buscam nestas instituições se fazerem ouvidos e acima de tudo atuarem transformando os espaços sociais.

Em *Por falar em Culturas; histórias que marcam a cidade*, a historiadora Sheille Soares de Freitas, discutindo as experiências de desigualdade social traz a questão dos meios de comunicação e sua relação com a população uberlandense, a autora expõe através da carta enviada por uma moradora ao programa Linha Dura, a condição de vida desta, e as relações que representam entre meios de comunicação, cultura e cidade uma vez que, Segundo Freitas,

*Dona Lielma [autora da carta] vê no programa televisivo, destinatário de sua correspondência, uma relação que oportuniza sua colocação enquanto parte da cidade, podendo expor sua trajetória, justificar suas expectativas e apontar essa realidade como campo de possibilidade de muitos trabalhadores.*⁶⁴

Na carta podemos perceber a relação colocada entre Dona Lielma e este meio de comunicação na medida em que reconhece na “equipe” a interferência nas atuações que envolvem a organização e as disputas sociais, de certa maneira, considera este espaço midiático enquanto propício para que ela assim como seus pares, também atuem na cidade, de várias maneiras inicialmente mediante as reivindicações por trabalho, ao trazer a ideia de “equipe”, Dona Lielma me chamou atenção para os sentidos em que este dizer carrega, pois, a Rede Vitoriosa, em todos os seus programas e comerciais ressalta esta noção, trazendo uma linguagem administrativa e característica do pensamento prático racionalizado; posteriormente através da abertura colocada por Dona Lielma quando remete ao apresentador Amarildo Maciel;

*...peço a Deus que continue abençoando a todos que fazem parte dessa equipe, para que este programa fique por muito tempo no ar, porque tem muita gente precisando da ajuda de vocês...*⁶⁵

⁶³ HABERMAS, Jürgen. Sociedade civil e a esfera política pública. In: *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p.264.

⁶⁴ FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas...histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia (Tese de Doutorado), 2009. p.125.

⁶⁵ Idem, p.126.

Tal abertura se faz no momento em que a fala trazida *tem muita gente precisando da ajuda de vocês*, legitima nestes espaços a atuação dos moradores pobres na cidade, acredito que Dona Lielma faz questão de expor os lugares e posicionamentos como estes se fazem, diferentemente do posicionamento em que o programa se coloca na “prestação de serviço”, Dona Lielma aponta para este enquanto um meio para tanto ela quanto os outros moradores [que precisam] na cidade se fazerem ouvidos, pois anteriormente na fala da moradora, o intuito inicial da carta é a busca de uma bolsa para qualificação profissional para que ela mesma consiga um emprego para melhorar sua condição de vida.

Ao final da carta, Dona Lielma coloca uma observação da seguinte maneira,

*...não estou acostumada a pedir, estou acostumada a trabalhar, pois trabalho desde que me entendo por gente, só estou pedindo porque a minha situação está cada dia mais difícil...*⁶⁶,

De acordo com Freitas,

*... o diálogo com o apresentador do programa de TV, Amarildo Maciel, sugere que a moradora acredita que este consiga a ajuda que precisa, já que, nesse caso, as relações de classes em que se faz este diálogo podem lhe favorecer. Principalmente pela grande audiência do programa, que retrata em sua grade diária as condições de vida na cidade como marketing de sua popularidade. Esse suposto fomenta expectativas em dona Lielma, que ao ver outros moradores serem atendidos diariamente pelo programa, considerou esse caminho como sua possibilidade também.*⁶⁷

Concordo com Freitas quando expõe a inserção do programa nas relações classistas na cidade, e a maneira como as classes populares se relacionam a partir da expectativa depositada neste meio de comunicação, assim como a apropriação das condições favoráveis nesta relação para que o programa incorpore estas enquanto marketing e configure sua popularidade. Não obstante, acredito que as expectativas da moradora não se faz somente a partir daquele espaço televisionado onde as pessoas enviam cartas e de certa forma, estabelecem uma comunicação neste meio.

No programa televisionado, o apresentador frequentemente lê as cartas que são enviadas pelos moradores, e estabelece um diálogo entre os moradores e este meio de comunicação especificamente. Também se coloca enquanto mediador entre a população e poder público local. Daí reconhece uma das justificativas para o caráter de proximidade estabelecido entre o programa enquanto mediador.

⁶⁶ Idem, Ibidem.

⁶⁷ FREITAS, op. cit., p. 127.

Pretendo dizer com isso que o espaço televisionado é essencial por um lado para estabelecer esta relação, mas por outro, o programa não se restringe a ele, pois, a necessidade deste meio de comunicação em romper estas barreiras aponta para um redirecionamento dos significados do espaço midiático enquanto espaço público, pois ele não se faz sozinho, é necessário que seja articulado com os outros espaços que configuram o espaço público, como a rua, por exemplo, daí a necessidade de “projetos sociais” que a emissora promove, mas que são legitimados pelos moradores e apropriados por outros grupos.

Durante a pesquisa etnográfica, minhas observações também se voltaram para os usos dos espaços que estes moradores apropriam, constroem e modificam. A maneira como eles transitaram pelos locais, permitiu compreender as demandas que partem dos moradores na cidade e os usos que eles fazem daquele meio de comunicação para atuarem, principalmente a importância uma vez que os grupos de moradores utilizam deste espaço para construir coletivamente, outras organizações espaciais na cidade.

2.4- Os sujeitos e as construções dos espaços

Torna-se necessário recuperar a questão da experiência dos sujeitos que vivenciam as relações de poder na cidade; buscar estes sujeitos a partir do questionamento de quem são? Quais são estas pessoas que no cotidiano constroem mecanismos de intervenção social e assumem posições políticas nesse espaço público e conflitam estes outros espaços?

São moradores que enviam cartas, fazem denúncias, telefonam para a emissora, utilizando do meio para reivindicarem direitos que hora não foram resolvidos pelos órgãos governamentais na cidade: as chamadas *Secretarias*, hora o acesso à estes órgãos é dificultado pela burocracia, estrategicamente utilizada enquanto justificativa para ocultar responsabilidades perante os grupos de moradores – sobretudo, os pobres – e agir conforme os interesses classistas na cidade, favorecendo interesses de grupos dominantes.

Nesse sentido, a corrida pela prestação de serviço durante os eventos, revelou outra dimensão do “fazer por”: colocou em xeque que existem outros grupos para além dos “oficiais” (ou responsáveis por excelência) destas ações.

O conflito foi estabelecido pela participação de pessoas que se organizam em diversos grupos, associações de moradores, familiares, grupos de alunos de escolas estaduais, dentre outros.

Pensando nos projetos de sociedade que se formam no cotidiano, investigar estes outros fazeres que configurem projetos, nos faz buscar na vivência cotidiana a partir das experiências de lazer as apropriações dos moradores pobres na cidade. De acordo com Fenelon,

*...nada nos garante que o que triunfou foi sempre o melhor e que os projetos alternativos ou as lutas cotidianas ainda que perdedoras, não devem merecer também a nossa atenção de historiadores.*⁶⁸

Se existe uma rede de comunicação estabelecida entre o Programa Linha Dura e tais moradores, não significa que seja mérito destes jornalistas, mas que os moradores encontram nestes espaços (e na centralidade do espaço público midiático) formas de intervenção de atuação social. O deslocamento do programa, assim como sua relação com outros grupos na cidade, principalmente as associações de moradores, levaram a outras questões, e pensar em como a predominância de uma cultura do ouvir apropriada pelos meios possibilita outros campos de conflitos.

Isso não significa que o ato de moradores tanto individualmente quanto em grupos organizados utilizarem deste meio, que suas necessidades sejam atendidas, mas a partir do momento em que tais relações são estabelecidas, o que se revela são outros campos de conflitos que partem do espaço público – atrofiado – para outros espaços na cidade, e que têm a necessidade de redirecionamento nos significados, embora os sentidos e intenções por parte do grupo jornalístico se mantenham a partir da atuação do marketing, as apropriações pelos outros grupos são diversas.

Em *A cidade das reclamações; moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913)* Lier Ferreira Balcão evidencia a partir do “crescimento e difusão dos jornais diários”⁶⁹ as transformações na vida urbana em São Paulo, tendo como referencia a constituição de uma cultura letrada. Nesse sentido destacam-se os jornais de cunho “popular”,

⁶⁸ FENELON, D. R. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de investigação. *Revista Projeto História*, SÃO PAULO/SP: EDUC, nº4, p. 25, jun.1985.

⁶⁹ BALCÃO, Lier Ferreira. *A cidade das reclamações; moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913)*, In: FENELON, Déa Ribeiro. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Água, 1999. p.226.

sobretudo o Diário Popular que buscava *efetivar-se como um órgão representante e defensor dos interesses e direitos das camadas populares*.⁷⁰

Segundo a autora, o que caracteriza este jornal seria a relação de cumplicidade “entre texto jornalístico e leitor”⁷¹. Isso permite pensar nas particularidades entre este formato de imprensa e a gestação de outros meios de comunicação posteriormente que configuram o fazer jornalístico.

A autora evidencia a maneira como a população utiliza dos espaços do jornal para atribuir movimentos na cidade e assim constituir suas práticas sociais. Balcão discute a participação dos populares através dos jornais atentando para os seguintes argumentos:

*Os reclamantes, inseridos em diferentes pontos da cidade, constroem um campo diverso e fragmentado em termos de ocupação e apropriação do espaço físico; de organização e funcionamento dos serviços urbanos; de possibilidades e maneiras de usufruírem do lazer e diversão; dos modos de garantir a segurança pessoal e da propriedade; de enfrentar as dificuldades no mundo do trabalho e da luta pela sobrevivência.*⁷²

O que chama atenção neste aspecto é a linguagem construída no meio para que seja articulada em uma relação de cumplicidade conforme o autor aponta. Se considerarmos este aspecto e pensar nestas relações construídas nos meios de comunicação que estabelecem tal cumplicidade com o público, percebemos que existem outros interesses envolvidos, que extrapolam os limites de uma relação dicotômica, mas que se mostram muito mais complexos do que somente dominação, produção e recepção.

Pensemos nos distintos grupos que participaram do *Projeto Linha Dura no seu bairro*, e como os conflitos foram estabelecidos, isso sugere movimentos que não são uniformes e na medida em que tais grupos disputam daquele espaço as disputas vieram à tona.

As observações durante o evento mostraram a explosão da desigualdade social assim como as distintas intenções daqueles grupos diferentes: havia sim empresas visando a construção de um mercado consumidor através de produtos de necessidades básicas dos moradores, também não podemos negar as intenções que envolvem o espaço midiático, mas também muitos acordos foram estabelecidos com outros grupos que vão muito além da institucionalização.

⁷⁰ Idem, p.226.

⁷¹ Idem, Ibidem.

⁷² BALCÃO, Lier Ferreira. Op cit. p. 230-231.

Considerações Finais

Iniciei este trabalho atentando para a questão dos meios de comunicação, buscando nas redes de comunicação a centralidade do espaço público nos meios para a configuração da ação política. Abordando a relação entre as distintas mídias, expus a relação entre massivo, popular e classe social, evidenciando a construção das relações culturais, oferecendo possibilidades para pensar tais construções nos espaços da cidade, a partir das redes de comunicação, configurando redes de espaços mediados.

Pensar este âmbito da cidade me levou a enxergar outros espaços. Primeiramente porque parti dos espaços através da comunicação os quais são perceptíveis por meio do espaço público na mídia: imprensa e televisão.

No segundo momento, estes espaços se voltam para o espaço público, buscando a inter-relação entre os sujeitos; daí teremos o espaço da rua articulado pelo medium, foi neste espaço que evidenciei as disputas entre os grupos sociais, mais visivelmente uma vez que a realização do evento *Linha Dura no seu bairro*, trouxe o conflito entre moradores, rede de televisão e prefeitura enquanto centrais para discutir os projetos em disputa na cidade.

O que se colocou enquanto disputa pela organização social trouxe consigo os estereótipos sobre a fala do crime aliada ao espaço, pela segregação espacial. Isso foi perceptível através do método etnográfico de análise nos espaços de lazer apropriados durante o projeto *Linha Dura no seu bairro*, gerando a inquietação dos estereótipos construídos sobre a pobreza na cidade; o que teve ligação com a construção pelo jornal Correio de Uberlândia que buscava com a fala da criminalidade legitimar projetos de intervenção, modificações e reestruturação do espaço urbano na década de 1980, com a construção dos programas habitacionais. O que significou outros traçados para a cidade.

Entretanto, em 2009 ao retomar o que o jornal considerou como *a história da criação dos bairros*, essa fala vem como memória do nascimento dos bairros e justifica os projetos presentes de (novamente) modificação do espaço urbano, uma vez que propagandeia outros projetos de construções e busca nestes movimentos entre lembrança e esquecimento; entre quando surgiu e *quem* construiu os bairros, as ações isoladas e ocultar as lutas dos moradores pelo viver/ pertencer/ disputar a cidade.

No início da pesquisa de monografia, em momento algum busquei respostas prontas para estes questionamentos, nesse sentido, todas as descobertas e caminhos construídos na pesquisa se revelaram de maneira surpreendente para mim, me fizeram enxergar o quanto somos pequenos diante disso tudo, ao mesmo tempo em que somos nós mesmos quem construímos, portanto, é também nossa responsabilidade transformá-los socialmente.

Os questionamentos se intensificaram, desdobraram nas maneiras que a construção da ideia de subcentro, articula para silenciar o estigma da pobreza, no aspecto geral, mas que pelo contrário, acaba reforçando ainda mais o estereótipo sobre o pobre, pois o próprio mapa de setores é excludente ao não incorporar os Bairros Não Integrados no traçado da cidade, embora tente suavizar estes silenciamentos deixando “espaços vazios”, outra construção estratégica sugerindo que não existem pessoas morando naqueles locais, portanto justifica a criação e incorporação de programas habitacionais na cidade de Uberlândia, segregando espaços, tentando expulsar moradores daqueles espaços onde constroem suas vidas.

Contudo, estes moradores não estão passivos, também agem de acordo com vários interesses quanto ao pertencer à cidade. Isso abre possibilidades para investigar a partir de outros posicionamentos, o *disputar a cidade*.

Não há inércia nestas relações como a legislação aponta, estes moradores não são menos esclarecidos quanto aos espaços na cidade, pelo contrário, são distintamente capazes de efetivar diversos projetos para a organização social, ou então estes mesmos projetos concretizados de outras formas.

FONTES

GRAVAÇÕES/ ÁUDIOVISUAL

JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. Acervo particular de material áudio visual que acumulei durante os anos de 2008 e 2009, contabilizando aproximadamente 15.000 minutos de material gravado, fichado e catalogado. Suporte VHS e DVD.

JORNAIS

–*Jornal Correio de Uberlândia* (2007-2009). Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

REVISTAS

– *Revista Fórum* (2001-2009).

DADOS ESTATÍSTICOS

–SEPLAMA- DIVISÃO DE PLANEJAMENTO INTEGRADO; DADOS POPULACIONAIS - ESTIMATIVA/2007, 2008 e 2009. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/secretaria.php?id=17&id_cg=114 moradores por bairro . Acesso em 20 maio 2009.

– UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Instituto de Economia. Centro de Pesquisas Econômico-Sociais. Condições Sócio- Econômicas das Famílias na Periferia de Uberlândia. Uberlândia, out. 2007. CD-ROM. Acervo Centro de Documentação e Pesquisa em História/ UFU.

– IBOPE MÉDIA QUIS. Qualificação por programa TV Vitoriosa-SBT. Pesquisa de IBOPE que mede a audiência do *Programa Linha Dura*. Gentilmente cedida pela Rede Vitoriosa. Amostragem Maio/ 2009.

LEGISLAÇÃO

–BRASIL. Lei complementar nº 432 de 19 de outubro de 2006. Aprova o Plano Diretor do Município de Uberlândia, estabelece os princípios básicos e as diretrizes para sua implantação, e, revoga a Lei Complementar nº078 de 27 de abril de 1994 e dá outras providências.

MAPAS

–MAPA DE BAIRROS INTEGRADOS – PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA- 2006.Disponível em: <http://bastion.uberlandia.mg.gov.br/sedur/bairros/index.htm> Acesso em: 02 abr.2009.

–MAPA DE SETORES (atualizado em 2008) da SEPLAMA- Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br> Acesso em: 20 maio 2009.

RELATÓRIOS

– RELATÓRIO DE PESQUISA CPqD 2006 Fundação Padre Urbano Thiesen. CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL BRASILEIRA DE 2005 um estudo quali-quantitativo de TV e cinema Coordenadora Prof. Dra. Cosette Castro.

PESQUISA ELETRÔNICA

–PORTAL DA PREFEITURA; secretaria de planejamento urbano. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/secretaria.php?id=17&id_cg=1602. Acesso em: dez./2009.

–REDE VITORIOSA. Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html> . Acesso em: dez/ 2009.

–PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA [sexta-feira, 27 de março, 2009]. Prefeitura desenvolve ações no bairro Tocantins neste domingo. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=3039> Acesso em: 04/05/2009

–PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA [2009segunda-feira, 30 de março, 2009]. Prefeitura de Uberlândia leva serviços a população da região do bairro Tocantins. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=3039> Acesso em: 04/05/2009.

–PROJETO MINHA CASA, MINHA VIDA. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/ministerio-das-cidades/arquivos-e-imagens-oculto/Apresentacao25309.pdf>Acesso em: Jan./2010.

–SILVA, Selma (Editora substituta). *Correio de Uberlândia* (Jornal, publicação online).Matéria exibida em, 23092007.Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br> Acesso em: out. 2008.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lidiane A; RIBEIRO Filho Vitor. A (Re)Estruturação do Espaço Urbano de Uberlândia-MG: Uma Análise a partir dos Processos de Centralização e Descentralização,. In: *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.1, n.1, p.170-184, jan. 2009
Disponível em: <http://www.observatorium.ig.ufu.br/jan2009.htm> Acesso em: jan.2009.

BAITELLO JUNIOR, N; GUIMARÃES, L; MENEZES, J.E. de O; PAIERO, D. (Org.). *Os Símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume; CISC, 2006. 258 p.

BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações; moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913), In: FENELON, Déa Ribeiro. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Água, 1999.

BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, p.262-272, 2006.

_____. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: Déa Ribeiro Fenelon. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Água, 1999, v. , p. 153-171.

BARBOSA, M. E. J.; LIMA, J. L. F.. História, imprensa e redes de comunicação. In: *História & Perspectivas*, v. 39, p. 37-57, 2008.

BARTHES, Roland. Dentro dos olhos. In: _____ *O óbvio e o obtuso*. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem; as pesquisas sobre televisão no Brasil. In: *Tempo Social* (revista de sociologia). São Paulo: USP, v.18, n.1, p.303-328.

BUCCI, E.; KHEL, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004, p.31. (Estado de sítio)

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo: ed.34: EDUSP, 2000,

CHESNEAUX, Jean. A história como relação ativa com o passado. In: _____. Devemos fazer tabula rasa do passado? São Paulo: Ática, 1995, p. 20-27.

CERTEAU, Jean. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (Org.). História : novos problemas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 198, p. 17-48.

CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 35, dez/ 2007

CRUZ, Heloísa de Faria. No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia (39): jul.dez.2008

CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em papel e tinta; periodismo e vida urbana - 1890-1915, São Paulo: EDUC; FAPESP, 2000.

DELEUZE, Gilles. Recapitulação das imagens e dos signos. In: _____. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007

DIRETÓRIO ACADEMICO.A TV e o superpopular; *Gente comum* na programação da TV aberta brasileira. In: *Observatório da Imprensa*. Matéria publicada em: 04/04/2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da040420013.htm> Acesso em: set. 2008

ECO, Humberto. A ilusão realística. In: _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FENELON, Déa Ribeiro. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Agua, 1999.

_____. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de investigação. *Revista Projeto História*, SÃO PAULO/SP: EDUC, nº4, p. 25, jun.1985.

FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

_____. O historiador e a Cultura Popular; história de classe ou história do povo?, In: *História e Perspectiva*, nº 6, Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de PósGraduação em História Universidade Federal de Uberlândia.1992, Uberlândia Jan.Jun, 2009,

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.199-215.

FLAUSINO, Cristina Valéria. Choro gratuito: a violência no telejornalismo brasileiro. In: *XXVI Congresso Anual Em Ciência Da Comunicação*, BeloHorizonte/MG, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_flausino.pdf. Acesso em: Out. 2008.

FONTANA, Josep. *História depois do fim da história*. Bauru-SP: EDUSC, 1988.

FRANCASTEL, Pierre. Arte e história; dimensão e medida das civilizações. In: _____. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FRANCASTEL, Pierre. Nascimento de um espaço: mitos e geometria no Quattrocento. In: _____. *Pintura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas...histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Tese de Doutorado).

HABERMAS, Jürgen. A esfera pública política no processo da transformação sócio- estatal do Estado liberal de Direito. In:_____ *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 259- 273.

_____. Para a reconstrução do Materialismo Histórico. In: *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

_____. Sociedade civil e a esfera política pública. In: *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In:_____ *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HOBSBAWM, E. J. “ A história de baixo para cima”, In: *Sobre história*; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.pp.216-231

KHOURY, Yara Aun ; VIEIRA, M. P. A. ; ROSARIO, C. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo: Atica, 1989.

LAMARÃO, Sérgio T de N. Mídia e política: as concessões de canais de rádio e televisão na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988). In: *LOCUS; revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/ Arquivo histórico: EDUFJF, 2001, v.7, nº 2, pp.85-96

LAPLANTINE, Françoise. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense. 1993

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil. In: ABREU, A.A; LATTMAN-WELTMAN. F; KORNIS, M. A. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 138-139.

LUKÁCS, Georg. O fenômeno da reificação. In: *História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989, pp.97-126.

MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MAGALHÃES, Manoel Vilela de. *Produção e difusão da notícia* / São Paulo: Atlas, 1979.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, José G.C. Quando o Campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme. C; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000,

MALINOWSKI, Bronislaw.. Introdução: o assunto, o método e o objeto desta investigação. In: Eunice Duhan. Malinowski. São Paulo: Ática, 1986.

MARTÍN- BARBERO. J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5 ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007,

NOGUEIRA, Adriana C. Violência nos telejornais: a realidade espetacularizada- Campinas: São Paulo [s.n] 2000. Dissertação Mestrado.(Comunicação Universidade Estadual de Campinas)

- OLIVEIRA, Dannilo Duarte. *Jornalismo policial na televisão: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil urgente e Linha Direta*. Salvador. Universidade Federal da Bahia. Dissertação Mestrado/ Comunicação. 2007
- PORTELLI, A. “A Filosofia e os fatos”. In: *Revista Tempo*, n.2. Rio de Janeiro: Ed.UFF, 1996.
- REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia –anos 1980-1990)* Dissertação Mestrado, Uberlândia, 2003.
- REIS, Sérgio Queiroz dos. Um olhar sobre a (des) organização do espaço urbano em Uberlândia: bairro Morumbi, 1991-2002. Uberlândia, monografia INHIS UFU 2003
- RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. *Revista Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, nº1, p. 9-22, 1978
- ROSSINI, Miriam de Souza. “O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico”. In: LOPES, Antonio H. [et al.] (orgs.). *História e Linguagens*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- SANTOS, Carlos Meneses Sousa. Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980 - Experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças. (Monografia)Uberlândia, 2006,
- SARLO, Beatriz. “A Democracia midiática e seus limites”. In: *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005.
- TERRA, Robson. “Se furar, espirra sangue...” In: Observatório da Imprensa, Matéria publicada em 29/07/2008. Disponível em: <http://www.fndc.org.br> Acesso em: 21/11/2008
- THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001
- _____. Intervalo: a lógica histórica. In: *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981,
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.p.17.
- _____. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed. 2008.
- _____. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 35, dez/ 2007

WILSON Dizard Júnior. *A nova mídia : a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1998.